



# reporter.

Semanario das  
grandes reportagens

ANO I

16 de Maio de 1931

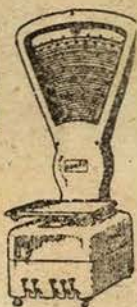
Numero 41



*Al capone, perseguido  
em Chicago,  
fugiu para  
Lisboa*

BALANÇAS  
AUTOMATICAS

**ROMÃO**



PERFEITAS, RIGOROSAS,  
HIGIÉNICAS, ECONÓMICAS,  
ELEGANTES, RAPIDAS

Em competência com as melhores marcas estrangeiras

Reparações em todos os modelos

**ROMÃO & COMP. A**

FABRICANTES DE BALANÇAS

Casa fundada em 1778

**CRUZES DA SÉ, 13-29**

**Feliciano Sobral**

Rua da Fábrica, 11

**PORTO**

Telefone 4353

Atoalhados, colchas, cobertores e riscados

Representante da Casa

**Teixeira de Abreu & C.<sup>a</sup>**

**Guimarães**

P  
A  
S  
S  
A  
P  
O  
R  
T  
E  
S

Espanha, França, Brasil  
e America do Norte

=

Agente no Norte da

**UNITED STATES LINES**

Nicolau Ferraz

RUA DO LOUREIRO, 60

Telefone 762 **Porto**

**LOTARIA DE SANTO ANTONIO**

**3.000.000\$00**

Na Tesouraria da Misericórdia de Lisboa estão à venda bilhetes a 800\$00, décimos a 80\$00, vigésimos a 40\$00 e quadragésimos a 20\$00

**EXTRACÇÃO A 13 DE JULHO**

**GUÉRET, LLEWELLYN & MERETT, L.<sup>DA</sup>**

IMPORTADORES DE CARVÃO

Sucursal no Porto — RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 6, 2.º

Telefone 2683

Tem sempre em «stock» nos seus depósitos  
as seguintes qualidades aos melhores  
preços do mercado: «Cardiff», Almi-  
rantado — «New Castle screened»,  
«Coke» de gaz — «Antracite» tipo  
fava — «Chaufage» próprio  
para fogões de fogo  
circular

**CAMBISTA  
TESTA**

TEM Á VENDA A GRAN-  
DE LOTARIA DE SANTO  
ANTONIO. BILHETES E

FRACÇÕES AO PREÇO DA  
SANTA CASA DA MISE-  
RICORDIA —:—:—:—:—

74, RUA DO ARSENAL, 78

## HOMENS &amp; FACTOS DO DIA

reporter

## O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos os acontecimentos de sensação nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda simultaneamente em todo o país

DIRECTOR

REINALDO FERREIRA

(REPORTER X)

Administrador e Editor

PEDRO SANTOS

Chefe da Redacção

MARIO DOMINGUES

PROPRIEDADE DE REINALDO FERREIRA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE  
ROSSIO, 3, 3.º — TELEFONE 26442 — LISBOA  
End. Teleg.: REPORTERX — LISBOA

DELEGAÇÃO NO PORTO — R. DA FABRICA, 11 — Tel. 4352

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA SILVAS, LTD.

RUA D. PEDRO V. 120 — LISBOA — TELEFONE 23121

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses—série de 12 números—Esc. 11\$50  
6 " " " 25 " —Esc. 22\$50  
12 " " " 52 " —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescem os respectivos portes

Pagamento adiantado

## A VIDA E A OBRA E OS SEGRÊDOS DE SILVA GRAÇA, PAI

ESTE Silva Graça que faleceu em França devia ser «explicado» às juventudes como um admirável exemplo humano, como uma bela lição de vida. O seu caso, na ardósia negra do nosso meio, é como uma teoria de Einstein, posta em prática. Dinamitou a inércia, assoprou tempestades contra ele próprio e fez dessas tempestades dinamos geradores da energia de que necessitava para construir o seu sonho. Não houve punho que não se erguesse, pedra que não lhe lançassem, acusação que não lhe fizessem. Mas a pesar de tudo Silva Graça era um dos maiores portugueses dos últimos 50 anos. Deixou apenas meia dúzia de artigos — claros magnéticos de talento — e a pesar disso foi dos jornalistas mais ilustres da nossa imprensa. Duas obras suas bastam para esfumear todos os ódios e insultos e entronizá-lo na admiração do Futuro. A segunda dessas obras é *O Século*, engenharia prodigiosa do jornalismo, mais prodigiosa ainda pelos poucos anos de Silva Graça, ao iniciá-la, pela terra e pela época em que ele a ergueu. O segredo pasmoso do egípcio que construiu, há milhares de anos, em pleno areal, as pirâmides dos faraós, recorda, pela inverossimilhança, a criação de *O Século*, em Portugal, há 40 anos. Não me refiro ao *Século* que os senhores lêem ou leram. Refiro-me à máquina, à sua organização interna, à perfeição científica do seu funcionamento, que ainda hoje, através de tantas reformas e direcções e temporais, palpita ritmicamente, como um coração dum Heracles.

... *O Século* é a segunda grande obra de Silva Graça. A primeira... a maior — é ele próprio!

## Silva Graça no «Século»

Silva Graça entrou no *Século* como podia ter entrado de marçano numa drogaria. Sôzinho e pobre, necessitava trabalhar para comer. Mas se

o preocupava o pão de cada dia, sobrava-lhe espírito para sonhar com uma grande obra onde a sua energia criadora se dilatasse à vontade... *O Século* era nesse tempo um órgão, fundado por Magalhães Lima para fitos políticos. Empregado da administração de *O Século*, curioso, mexedico, profeta, perscrutador, transparentando as muralhas das realidades visíveis, ele viu, ele adivinhou o que podia ser um grande jornal, como o *Petit Parisien*, como *Daily Mail*, desde que se soubesse interessar o público. Estudou o seu sonho como Edison estudou os seus inventos. Criou a máquina desde o parafuso até às «bobinas». Teriam sido grandes homens os que criaram o *Daily Mail* e o *Petit Parisien*, mas eram dilatores de outros grandes jornais, embora menores do que os seus; limitaram-se a agigantar gigantes; dispunham de modelos, conheciam todos os segredos, todas as fórmulas de êxito, embora atrofiados; trabalhavam para grandes públicos, já preparados; contavam com a colaboração de técnicos de todas as especialidades. Silva Graça, não. Primeiro, era sôzinho, mestre de todos e em todas as especialidades; reformando tudo, sem dispor de um único auxiliar preparado para essa reforma; reformando tudo, tudo ignorando, sem outra escola que não fosse a do esforço da sua inteligência, que inventara no vácuo todas as peças da sua grande máquina. Ele ensinava os redactores, ensinava os tipógrafos, ensinava os vendedores, sem nunca ter praticado dessas profissões, sem nunca ter visto o que se fazia lá fora. *O Século* crescia; o público, pasmado, comprava-o, numa hipnose, sem saber porquê. Só ele o sabia. Estava tudo previsto no seu plano.

## Silva Graça, folhetinista

Riem-se dele os «intelectuais superiores». Chamavam-lhe maniaco, ignorante, plebeu... Porquê? Porque dedicava o mesmo esforço, a mesma técnica, o mesmo tempo na orientação política do jornal, na pontaria das «Grosses Berthes» das suas campanhas avassaladoras, como na caça à mais reles das notícias de três linhas ou na selecção dos folhetins que deviam desfilarem pelos roda-pés de *O Século*.

— O folhetim é um dos segredos do êxito de todos os grandes jornais do mundo! — garantiu-me ele, quando eu lhe li o meu primeiro folhetim. — O que fez *Le Petit Parisien* senão *Le Rouge*? O que fez o *Matin* senão os folhetins? O que foi que fez falar o *Daily Telegraph* de 200.000 a 3.000.000 de exemplares senão os roda-pés de Pinkerton? Eu perco noites e noites lendo todos os folhetins franceses e só entre vinte consigo encontrar um ao paladar do nosso público. E é lógico. O homem pode não simpatizar com o jornal, não se interessar, não o ter lido nunca. Mas um dia a mulher apanhou o jornal à mão e o que é que ela vai procurar logo? E' o folhetim. Está no meio, mas um bom folhetim em qualquer altura empolga uma leitora feminina. E eis mais um exemplar garantido para sempre, porque antes de terminar o folhetim que a sugestionou, começo outro do mesmo valor e ela, já enlaçada pelo segundo, continuará a comprar *O Século*, mesmo depois de se ter rematado o primeiro. E é, o homem da casa, à força de se chocar com *O Século* acabará por o ler; e lendo-o há-de encontrar por força uma secção que o habitue a comprá-lo também.

E eis, na maioria dos casos, mais dois leitores: o marido compra *O Século* na rua, a caminho do trabalho; a mulher, que está impaciente por saber a continuação do capítulo anterior, não resiste e compra outro — são dez reis apenas. E dois centavos é o germen de dez, porque se contagiam, se propagam...

O filho, ainda sobre folhetins, contou-me uma vez o seguinte:

— Meu pai quis dilatar mais ainda o poder de sugestão do folhetim, publicando folhetins

de interesse empolgante e directo para o nosso público — o folhetim histórico vibrando a nota patriótica, mas marginado de aventuras palpitantes à Miguel Zevac, a Dumas pai, a Paul Féval... Levou meses a palpar não o escritor de génio mas o que fosse suficientemente inteligente e tão pouco orgulhoso que se deixasse guiar às cegas pelo seu projecto e experiência. Escolheu Campos Junior. São lendários os triunfos obtidos pelo *Guerreiro e Monge*, *Filha do Polaco*, etc.. Qualquer deles trouxe-nos um salto na venda de muitos milhares de tiragem. Pois bem. Foi meu pai quem os quadriculou, quem doseou as emoções, quem mediu os intervalos dos conflitos, quem dizia: «Agora uma morte! Agora um beijo! Agora um rapto! Suspenda esse idílio e só volte a *mise-en-scène* daqui a três capítulos.»

## Os bichos

Um dia houve uma mobilização geral de ódios contra *O Século*. Organizaram-se comissões para percorrer os estabelecimentos e as lojas aconselhando a não comprar, a não anunciar no *Século*; a proibir aos empregados de ler *O Século*; a não adquirir fazendas a quem comprasse ou anunciasse no *Século*. Por muito forte que *O Século* fosse, não podia deixar de cair numa anemia perigosa depois de um ataque tão brutal como este. Silva Graça não se abateu, não curvou a cabeça, não esmolou piedades! Rangia os dentes, casquinando risadas e jurando que estava para nascer ainda o verdugo que o destroncassem... Na semana seguinte, entrou na redacção de braço dado com alguém que aparentava de príncipe russo, insinuante, trajando como um *gentleman*, sorrindo como um diplomata *bon garçon*, fumando um charuto imperial. Esse *gentleman* era Mimon Anahory, então na culminância da sua juventude, da sua inteligência e da sua actividade, conhecido pelo *Rei da Publicidade*. Silva Graça fora desencantá-lo e, prometendo-lhe um prémio valioso, exigia-lhe uma ideia. Mimon Anahory acariciou o brilhante do anel, soltou uma fumaça do seu charuto, alargou o sorriso eterno, e lembrou: «Vamos ao Concurso dos Bichos».

O que foi esse Concurso, como sugestão popular, não é fácil de descrever. Todos os dias *O Século* estendia a lista dos prémios: bicicletas, automóveis, chalets nas Avenidas. Ao principio, esses prémios correspondiam a despesas... Mas quando os comerciantes, os industriais começaram a escutar o rugido que o concurso provocava, foram pouco a pouco, a médo primeiro, depois às claras, depois disputando-se entre si, oferecer novos prémios, ao despeje de quem dava os mais valiosos, para se salientarem, cubiçosos todos de aproveitar a publicidade monstra e única daquela ribalta alucinante de luzes. Foi uma loucura colectiva, uma epidemia, uma obsessão. Não se pensava, não se discutia outro assunto. Foi então que *O Século* alcançou a sua maior tiragem, uma tiragem de jornal europeu, uma tiragem inverossimil: 150.000 exemplares!

## A gréve

— O comando é um posto doloroso porque é sempre cruel — dizia Napoleão, se não estou em erro, numa carta à imperatriz, escrita ao entardecer da vitória de Austerlitz. — Se tu tivesses atravessado o campo de batalha, como eu acabo de o fazer, se visses os montões de cadáveres e escutasses os gemidos de dor dos feridos e agonizantes, como eu vi, como eu escutei, ficavas como eu fiquei, horrorizado de mim próprio!

Silva Graça era um chefe, e por vezes a crueldade era nele, portanto, um dever. O jornal necessitava vir pietórico de boas notícias, de boas reportagens, de bons artigos. O jornalismo esfalfa depressa, arruina, esgota. Um jornalista

(Conclui na pag. 12)

O leitor nunca pensou, ao apreciar mentalmente o estado de adiantamento a que chegou a Ciência, na realização do inverosímil que seria a criação de homens artificiais? Fazem-se já coisas tão extraordinárias, espantosas, porque não atingir mais esse objectivo maravilhoso? Pesa-se e mede-se o sol, calcula-se a que distância se encontram as estrelas mais longínquas, prevêem-se revoluções cósmicas com milhares de anos de antecedência. Isto no campo astronómico. Mas desçamos aos problemas terrenos que surgem ao alcance da nossa mão. Que vasto campo de maravilhas a Ciência humana desvendou! A cirurgia logrou façanhas extraordinárias, dêde a banal operação à apendicite aos remendos que já hoje se deitam no coração.

E' verdade: fazem-se operações ao coração. Já algumas se fizeram em Portugal, por cirurgiões portugueses. Mas há outros aspectos da Ciência que nos deixam boquiabertos como o selvagem ante um gramofone. Há máquinas de calcular — as banalíssimas máquinas de calcular — que conseguem resolver com mais precisão do que o cérebro humano os mais difíceis problemas de matemática, no curto espaço de alguns segundos. A inteligência humana ultrapassada pela «inteligência» da mecânica! E a telefonia sem fios? E a aviação? E os barómetros que prevêem o tempo? E os sismógrafos que registam os abalos sísmicos produzidos a milhares de léguas? E o microscópio que permite vêr o infinitamente pequeno? E o telescópio que aproxima a dois passos o infinitamente distante?

Quando se medita nos triunfos que êste ente mesquinho e desprezível que se chama Homem tem alcançado sôbre a Natureza, dominando-a, escravizando-a, moldando-a como barro maleável entre os dedos de um escultor prodigioso, parecem-nos admissíveis todos os inverosímeis, todos os sonhos aparentemente irrealizáveis, todos os actos fenomenais que até hoje se têm atribuído apenas aos santos e aos Deuses.

### O mistério da Vida e da Morte

Homens artificiais, produzidos num laboratório pela mistura de engredientes que fórmulas químicas teóricamente gizaram! Porque não? Porque não admitir que um sábio tenha descoberto que, aplicando a sua fórmula  $H + Z...$ , tivesse feito germinar num cadinho de vidro um ente vivo, que cresça e atinja, ao cabo de

# Homens artificiais

## e ressurreição de mortos

anos, a perfeição relativa de que gozamos todos nós, mortais? Se se criam pintos com ovos artificialmente chocados, pintos que se transformam em galos e galinhas tão ou mais perfeitos do que os naturalmente criados, se se transformam raças de animais, se se consegue que arvores cujo tamanho normal é de oito ou dez metros não ultrapassem um palmo de altura, porque não admitir como lógica, como possível, a criação de entes humanos artificiais?

Para isso — dirá o leitor arguto — seria necessário que os sábios desvendassem o mistério da Vida e da Morte.

O que é a Vida? O que é a Morte?

Há um ano, o professor Donnan, da Academia de Ciências inglesa, levou ao arêopago britânico um resumo das investigações a que sôbre a Vida, havia procedido o professor Hill, da Universidade de Londres. Segundo Donnan, ninguém como êle alcançara jámais conhecer tanto sôbre o problema da diferença essencial

que existe entre a Vida e a Morte. Os estudos a que o professor Hill se dedicou dos musculos e nervos levaram-no à conclusão de que, quando o organismo humano se esgota e chega, portanto, a morte, esta é devida à insuficiência alimentar do oxigénio, que produz a interrupção da vida. A Ciência só resta, pois, o trabalho da descoberta de um outro oxigénio, de maior ou menor potencial. A cura de certas doenças fatais pelo alimento respiratório é já uma teoria incontestada. A «mudança de ares» baseia-se nessa teoria. Levár essa teoria ao último extremo é devesar o segredo da Vida e da Morte.

Prestemos agora

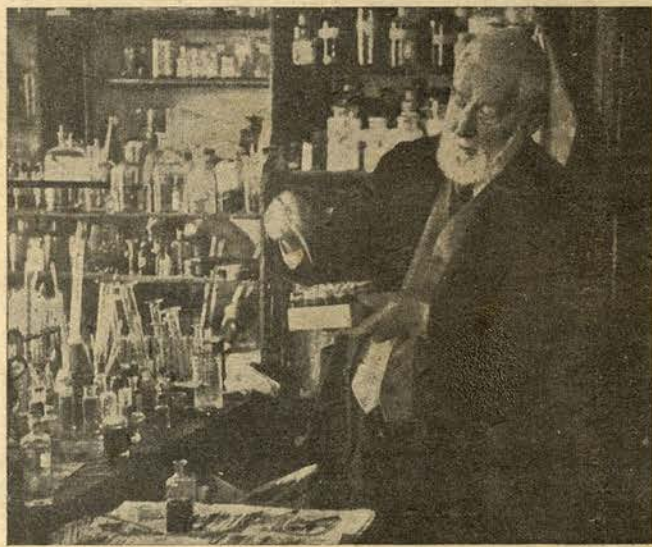
atenção a outro sábio, o americano George W. Crile, da Universidade de Cleveland. Enquanto Hill se queda no manejo de hipóteses, Crile envereda pelo campo prático, e — ó maravilha! — consegue formar partículas vivas, elementos com sopro vital, que podem vir um dia a fazer parte de um corpo vivo, de um animal ou — quem sabe? — de um homem.

Há tempo, começaram circulando a seu respeito certos boatos, atribuindo-lhe uma descoberta sensacional. Procurado por um jornalista do *New-York Times* começou por dizer que ainda era cedo para falar dos seus estudos. Em breve chegaria a conclusões definitivas. Em todo o caso alguma coisa lhe poderia ir dizendo. Tratava-se da criação de «sêres vivos artificiais». Esta coisa simples e espantosa: «Sêres vivos artificiais!».

Há muito que o tentava o mistério da Vida e da Morte. Nas suas experiências de anos já adquirira a certeza de poder produzir, quimicamente, células animais artificiais. Essas células, que denomina «auto-sintéticas», porque no processo da reacção química se produzem automá-



Feodor Andreieff faz experiências com um gato resuscitado



O biologista russo Feodor Andreieff no seu gabinete de trabalho

ticamente e sem intervenção da mão do homem, não se parecem exteriormente com as outras células, pois a sua estrutura é mais simples e as suas linhas de uma regularidade maior do que as células animais. O artificial é, portanto, mais perfeito do que o natural.

O dr. Crile, na presença do jornalista, procedeu a algumas experiências. Sôbre o prato de um microscópio colocou uma placa de vidro côncava. Deixou-lhe cair dentro uma gota de uma solução que continha diversos sais. A êste liquido juntou um pouco de «lipoido», que é uma espécie de gordura extraída dos tecidos da massa cerebral de um animal recentemente sacrificado. Imediatamente se operou no liquido uma forte reacção, que terminou com a produção de fibras muito finas, muito semelhantes às células animais vivas.

Estava dado, com esta operação, o primeiro grande passo para a criação de «entes vivos arti-

(Conclui na pag. 15)

Confidencias escandalosas — «Grooms», «chasseurs», «botones». — Brincar ao trabalho! — O calvário moral de certas crianças — A precocidade que mata — As mentiras de L... e as lágrimas de Ermelinda — A farsa do velho ciumento — Os vícios.

MAL abaquei com o meu companheiro a uma mesa do X... Club, impaciente por fumar — já com a cigarrilha entre os lábios mas sem fosforos para a acender — eis que brilha, inesperadamente, perto do meu rosto, uma chama bruxoicante... Relanceei a vista e dei com um garoto — um bebé ainda, marcial como um Hindenburgo liliputiano, pallido, olheirito, mas elegante, vistoso dentro da sua farda salpicada de botões amarelos, os cabelos negros mui acamados e reluzentes de cosmético. Sorri um agradecimento — e minutos depois, como por descuido deixara que a cigarrilha desplumasse a cinza sobre as calças, eis que me surge o mesmo groom, como disparado por um alcapão, munido duma escova e limpando-me, atenciosamente, o fato... Senti vontade de o acarinhar, como se acarinha uma criança gentil; mas observando-o melhor, ao vê-lo menino-velho, petiz-gasto como um homem estroina e já com reflexos do vício a maquilhar-lhe o rosto pallido, contive o gesto, num mixto de tristeza e de repugnância — e em vez da carícia, dei-lhe umas moedas — que era aliás o que ele queria.

— E' o mais vivo, inteligente e batido de todos os grooms de Lisboa — disse-me, pouco depois, alguém. O que ele sabe, o que ele tem visto, escutado — e feito — com pouco mais de doze anos, pasmaria muito adulto experimentado e erudito em segredos destes bastidores...

O groom, como lhe chamam os ingleses; o *chasseur*, como se diz em francês; *el botones*, como os espanhóes os tratam, é um tipo internacional — gémeo em todos os países. Os pequenos que as crueldades da vida obrigam a ganhar bem cedo o pão nosso preferem ser *grooms*, *chasseurs* ou *botones* do que marçãos ou outra qualquer coisa menos vistosa embora menos pesada. A profissão de groom encanta-os como uma brincadeira; fá-los homens sem lhes sacrificar a meninice. Farda-os — eles julgam brincar aos soldados. Além disso, em nenhum *metier* se tornam mais independentes, ganham uma tão precoce liberdade e se iniciam mais cedo na boémia. Mas, se em geral os *grooms*, mesmo trabalhando em casas sisudas, se picam ligeiramente de perversidade, se gastam, se precipitam na vida — nos *clubs*, nos templos das orgias, em contacto com todos os vícios, cúmplices de todas as combinações, noctívagos na idade em que os outros petizes se deitam ao cair da noite, hora em que eles se levantam para o trabalho, e deitando-se quando os outros se levantam para ir para a escola, o sacrilegio é muito mais doloroso. O que eles vêem, o que eles sabem, o que eles fazem...

Um exemplo simbólico é Chico T..., um negrito que sustenta a avó, velha parálitica e sua única família, e para a sustentar trabalha como groom, há dois anos, nos *clubs*. Interrogoo. Que tal se dá êle na sua profissão?

— Muito bem... Custa às vezes por causa do sono. Quando o *club* está animado, ganha-se bem, tenho noites de fazer 80 e 100 escudos, sobretudo quando vêm estrangeiros — e a gente não tem tempo para pensar na *chulipa*. Mas

quando a casa está às môças — e os olhos se querem fechar e nós nos encostamos às colunas, porque não nos podemos aguentar — então sim... custa. Vem o chefe — e é cada beliscão que vimos as estrélas ao meio-dia... E logo, nessas noites não se ganha nem para os cigarros.

— E tu fumas?

Olhou-me tão surpreendido como se eu lhe perguntasse se bebia agua: — «Já se vê que fumo quando posso — são *abdulas*. O «francês» só nas épocas de pelintrace — no verão. O quê? Porque não procuro trabalho noutro sitio? *Tô carôcho!* Aqui a gente trabalha... divertindo-se. Temos musica, temos alegria, temos *fitas* — e que *fitas!* E depois, quando saímos, começamos nós, os *grooms* de todos os *clubs*, as nossas padeugas, que nós também temos direito à vida... Vamos para o *Solar*, para o *Zezinho*, ceamos, bebemos, e às vezes... lá vamos para casa com um grãozinho na asa...

Puxei-lhe pela lingua: e êle contou-me episódios desenrolados ao alcance da sua bisbilhotice morbida, quando não interveio neles, como personagem principal.

—...Vê aquela rapariga que está ali, a L...? E' uma espertalhona, dei-lhe muito dinheiro a ganhar e também ganhei algum. Mas ela quis-me intrujar... Acabei com a sociedade. A combinação era reinadia. Ela chegava ao «club», dispensava todas as companhias, sentava-se sôzinha a uma mesa, muito tristonha, muito *fiteira*... O meu papel era começar a falar a seu respeito, com outro colega, junto de qualquer mesa que ela me indicasse e onde estivesse um *pato*. — «A L..., coitada, não tem geito para esta vida — dizia eu para o outro. — Há bocado fui apanhá-la a chorar na *toilette* e a lamentar-se à sr.<sup>a</sup> Joana: «O que eu queria era encontrar um homem honesto, mesmo que não fôsse novo, que me pagasse aquela maldita divida e que me salvasse destes malditos «clubs». Eu só posso ser de um homem e de mais ninguém. Aquêlo que eu amar será para toda a vida!» Era infalível... O *pato* apurava o ouvido, levantava-se para os companheiros não se aperceberem, chamava-me à parte, fazia-me perguntas a respeito dela (e eu, já se vê, aumentava a *pêta*) e acabava por me mandar com o recado para L.... A rapariga, sempre a *fazer fita*, aceitava-o na mesa, choramingava-lhe, contava-lhe o *vigário* e era mais que certo que o *pato* caía com um ou dois contos para a tal divida. Depois, mandava-o passear e que viesse outro. E eu ganhava sempre uma *palmeita de cem*. Mas a cavalheira começou a intrujar-me e eu não quis mais. Agora quem *faz a parte* é o Zeca — mas o Zeca não lhe arranja nem mais um *pato*... porque eu o preveni...

«O senhor recorda-se da Ermelinda? Essa era como L... mas a serio. Foi dactilografa, mas como não fez a vontade ao patrão, veio para a rua. Não arranjou trabalho. O noivo pregou-lhe partida... Ela tinha a mãe viuva e dois irmãozitos pequenos a sustentar... Um dia, como quem se deita ao mar, veio para cá... Mas não tinha feito, não tinha geito, era arisca — arisca com bons modos, chorando, mas afugentava os homens. Passava fome... Muita noite dividi com ela o *bolo* das gorjetas para levar para casa. Metia-me tanta pena que comeci a fazer para Ermelinda a mesma *fita* que fazia para a outra... Mas quer saber uma coisa *reina-dia*? Os *patos* que acreditavam todos no vigário da L..., mal se aproximavam de Ermelinda e lhe falavam, deixavam-na e vinham dizer com ares de entendidos: «Olha a intrujona! A julgar que me comia!» Pobre Ermelinda! Ela, que era sincera, que chorava com lágrimas do coração, é que era a intrujona. A outra, a *fiteira*, a que lhes surripiava a *massa* é que era verdadeira! Pedacos d'asno!

(Conclui na pag. 15)



# A volta

C  
A  
R  
T  
A

N.º

4

O nosso viajante possui insofismavelmente o instinto do vagabundo de espírito aristocrático. Viajar é como o amor... Existe quem ame por dogma da vida, brutalmente, irracionalmente, e quem faça do amor um poema com uma imprevisível harmonia em cada verso e uma nova beleza em cada imagem. O nosso leitor não viaja só com os pés: viaja com os olhos, com todos os sentidos em hipertensão, com a alma, o cérebro e o espírito caminhando à sua frente como hussards invisíveis que o ciceronassem através das aventuras mais inesperadas e emocionantes. Esta sua quarta epístola é, nitidamente, uma revelação desse seu instinto de viajante predestinado.

É, deve ser..., o meu último dia de Paris. Último... da primeira *étape*. Hei-de voltar. Volta-se sempre a Paris depois de o ver uma vez. Sinto-me um pouco impaciente... Passei há pouco pelos escritórios da Cook e vi, numa *vitrine*, o mapa-mundi ilustrado de fotos, e os meus olhos, ao medirem a vastidão da Terra, a variedade de paisagens e de países que me falta conhecer, aguçaram. Se a minha missão para o Reporter X é dar a volta ao mundo, se tenho a milagrosa oportunidade de visitar todos os países em que se divide o globo, não posso, não devo deixar-me esperar logo na primeira terra por onde passo, quando tantas outras, com as suas aventuras tão diferentes, com as suas emoções tão variadas, me aguardam...

Só a ideia de gozar novas emoções entre novos cenários e novas multidões me enervou docemente, não me deixando dormir... E note-se que ontem (?) não me dei positivamente com as galinhas. Há muito que eu ouvira falar de dois *cabarets* parisienses, apoteoses requintadas do que constitui o Paris-secreto, o Paris que só os grandes iniciados podem visitar, o Paris à *frisson*... *Chez Olympe* é a tabuleta dum desses *dancings*; «*Chez Zita*», a do segundo. Chamei de parte um porteiro do Adolphe-Hotel — o mais serviçal de todos —, um rapazote magro, de ar achacoso, amarelento, de óculos grossíssimos. Ao adivinhar a intenção da minha pergunta, teve um sorriso mais amarelo do que o meu e confessou que... era de Bordeus, que chegara a Paris, pela primeira vez, na véspera... da minha chegada; e que, além disso (nesta altura franziu o sobrolho...), sendo casado, ignorava todas essas... «salés boîtes»... Que me venham falar da desmoralização dos franceses! Resolvi assistir pacatamente a uma sessão de cinema no «Paramount», verdadeiro palácio de mágica, onde os *films* sonoros se confundem com as orquestras-monstros de executantes de carne e osso, que saem, inteiras, de enormes alçapões, fronteiros ao *ecran*; e em cujo *ecran* se projectam, além dos *films* centrais, fantasias futuristas e policromas que compõem molduras sempre variadas em volta das cenas cinematográficas. O «Paramount» quase que não fecha... Começa as suas sessões às 8 1/2 da manhã (preços reduzidos) e a última sessão inicia-se alta madrugada. Aliás, raro é o cinema dos «boulevards» que não usa este longo horário... É a «bicha» dos espectadores é sempre longa, frente a todas as bilheteiras, a qualquer hora da manhã, da tarde ou da madrugada...

A saída do «Paramount» deambulei pelos «boulevards». Ao atravessar a Praça da Opera,

junto às escadarias subterrâneas do «Metro» notei que em cada ângulo do passeio rectangular havia um cavalheiro suspeito que, com disfarce, segredava fôsse o que fôsse a certos transeuntes — sobretudo aos que aparentavam de

# ao mundo

turistas estrangeiros. Estacara para observar aquelas manobras nocturnas quando fui também abordado por um dâles, um gigante bem trajado, chapéu de côco, óculos de aro de tartaruga, sobraçando uma boa pasta de couro e que se me dirigira em inglês. Pedi-lhe para me falar em francês. E ele, com um sorriso, pediu desculpa do equívoco (tomara-me por um saxão) e ofereceu os seus préstimos: — «O senhor necessita um guia nocturno? Não há segredo de Paris, lugar de alegria, alegria clandestina, palácio de prazeres, porém, de difícil entrada, que eu não conheço e cujas portas não se me abram... Conheço todas as novidades humanas da capital — japonesas, índias, dinamarquesas, turcas, chinesas...

Portuguezinho, irremediavelmente portuguezinho, ia a tentar-me com aquele pregão alucinante, quando, ao escutar-lhe o preço da sua ciceronagem, esfriei e frenei a tentação... «Cem francos a hora — fóra todas as despesas...» Ao observar a minha muda negativa, teve uma leve

ros que se podiam correr, isolando-nos; e no centro uma espécie de pista, onde se bailava. As surpresas — que eu aliás teórica e paradoxalmente conhecia já — iniciaram-se logo à minha entrada. O porteiro era uma matrona de quarenta anos, fardada como as *police-women* londrinas, com um *boné* vermelho, luvas vermelhas, e umas saias que tanto podiam ser saias como calças à moda — *pattes d'éléphant*... Os *chasseurs* que vieram arrebatar-me o sobretudo, o chapéu, as luvas, a bengala — eram garotas

# por um

de 16 ou 17 anos, de polainas de couro, calção à *Chantilly*, fardeta salpicada de botões dourados, cabelos à *Ninon*, umas, outras com a cabeceira vistosa encafiada nuns *gorros* vascos, azuis ou amarelos, onde haviam bordado as iniciais da casa «C. Z.». Antes de seguir o *maitre de table* — uma dama de *smocking* e colarinhos de bico — que viera ao meu encontro, oferecer-me mesa —, abarqueei a sala com um olhar. A primeira impressão não me foi lisongeira: a grande maioria da clientela

que enchia o *cabaret* fitava-me ou com desprezo ou com eloquente hostilidade, como se eu fosse um indiscreto, um usurpador, um mal educado, um impertinente. Havia apenas outro visitante do meu sexo —

# Leitor

# do Reporter X

contração de desprezo (bem se via, pela *pelitrice*, que eu não era saxão) mas nem assim se calou. «Se o senhor não pode gastar tanto, ofereço-lhe um «Paris-Nuit» autêntico, em segunda mão, por vinte francos.» Era uma pechincha. Comprei-o logo. O «Paris-Nuit» é um livro precioso — espécie de *catálogo* — com todos os segredos nocturnos parisienses, detalhados até à minúcia impúdica...

Abalei da Praça, folheando o *catálogo*. Súbito — senti-me emocionado. Lá estavam as indicações que eu cubiava. Tomei logo um «taxi» e disse para o *chauffeur*: «Rue Blanche — «*Chez Zita*»...»

«*Chez Zita*» era um dos tais *cabarets*. Uma sala pouco vasta, com belas decorações modernistas, cada mesa cercada por um pequeno pavilhão, imitando uma pirâmide, cheia de reposte-

um mocinho de ademanos suspeitos, rechonchudo, maquilhado — que conversava com a chefe do *jazz-band* — composto exclusivamente

(Conclui na pag. 10)



# AL CAPONE

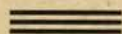
Diário de Notícias de 6 do corrente publicava o seguinte telegrama:

CHICAGO, 4. — Foi passado um mandado de prisão contra o célebre bandido Al Capone, suspeito de mais um crime de assassinio. Apesar das minuciosas pesquisas da policia, tanto na residen-

canos correriam o grave risco de morrer de sede...

São inumeros os crimes de assassinio de que Al Capone tem sido acusado. E, no entanto, o criminoso nunca se sentou no banco dos réus para responder por eles. Vive tranquilamente no seu palácio, sem que a policia o incomode. Mas porque razão as autoridades, que têm a certeza moral de que os crimes são praticados ou ordenados por ele, o deixam viver em paz? Porque Al Capone é, chamemos-lhe assim, o bandido científico. Organiza os seus crimes com uma precisão matemática, evitando até à última minúcia que a policia se apodere de qualquer prova contra ele. Sabe-se que ele é o criminoso. Sabe-se, mas não se prova. As investigações policiaes esbarram

## PERSEGUIDO EM CHICAGO FUGIU PARA LISBOA ?



Capone fugiu. Para onde teria ele ido? Demandaria a Europa como há tempos o seu maior rival, Jack Diamond?

Teria estado em Lisboa, a caminho de qualquer nação da Europa central? Quem sabe se tu, leitor, não te cruzaste com ele, aqui no Rossio?

### Quatro tipos estranhos

No dia 11 deste mês, por volta das três horas da tarde, abancavam a uma mesa da *Chic*, na

(Conclui na pag. 11)



O nosso reporter (X), disfarçado de criado de mesa, entrando para o gabinete do restaurante onde se encontram vários detectives americanos

cia do bandido como nos diferentes «cabarets» da cidade, foi impossível deitar-lhe a mão. Apenas foram presos alguns dos seus guardas de corpo, que a policia activamente interrogou.

Este telegrama não teria para nós grande importância se alguns factos ocorridos em Lisboa, durante esta semana, não o viessem por forma indirecta iluminar com intensa luz. Antes de fazermos o relato completo e nítido desses factos, abramos um parentesis para em traços rapidos explicarmos ao leitor que o ignore quem é Al Capone.

### O «recordman» do banditismo

Os americanos, que pretendem monopolizar na sua terra todos os «records» mundiais, desde os da aviação aos da velocidade meteórica das suas locomotivas, não podiam deixar de possuir o «recordman» do banditismo. Al Capone é o maior bandido de todo o mundo e reside em Chicago — a cidade que bate também o «record» do crime.

O banditismo de Al Capone está organizado com um método, uma perfeição incedíveis. E' um Estado poderoso, dentro do poderoso Estado yankee, não lhe faltando sequer os respectivos ministros gerindo várias pastas, como a da Guerra e a da Cerveja, por onde passam todos os grandes negócios ilicitos do alcool, a principal receita de Al Capone. Sem este homem extraordinário os bebedos ameri-



O inspector da Brigada Internacional Americana (X)

sempre contra a muralha da China da falta de provas. Assim, Al Capone — autor de inumeros assassinios e roubos — foi condenado uma vez apenas por um delicto irrisorio: uso de arma sem licença...

Entretanto, ele exerce sobre o comercio e a industria de Chicago uma pressão terrorista de que tira fartos proventos. Os seus cúmplices, que se contam por centenas, impõem ao comercio clandestino de bebidas alcoolicas o alcool que Al Capone fornece, com a garantia de protecção em caso de luta com o Estado. E a protecção de Al Capone, na America, é qualquer coisa de muito poderoso.

Que se teria agora produzido para a policia de Chicago se arrojara a procurar o bandido na sua propria casa? Teria ele sido, desta vez, menos meticuloso na realização de alguma das suas terrificantes proezas, deixando vestígios, provas irrefutaveis que o comprometassem?

Por enquanto, sabem os leitores, mercê daquele telegrama de 4 do corrente, que Al



Al Capone (1) passa entre a multidão do Rossio, seguido de perto por Harry Marselli (2), disfarçado



F OI em 1904 ou 1905, num dia de anos. Havia meses que o sonho se dilatava, aos poucos, em redor da mesa de jantar, finda a sobremesa, excitado pela fantasia de todos, desde a velhinha, a avó, até à miudagem que arregalava os olhos para tornar mais nítida a visão interior da realidade.

conquistam a confiança absoluta das suas cabriolas, dispensando a rede... fui dispensando também, até ao esquecimento, até ao abandono, a protecção do meu velho fonógrafo... Nessa época o fonógrafo resvalava numa decadência ruínosa. Do entusiasmo epidémico, universal, a Humanidade começou a desprezá-lo. Na sua volubidade, achava-o embaraçoso, ridículo, uma velharia arcaica e de mau gosto. E os industriais, péssimos profetas, deixaram cair os braços com desânimo, sem desaparafusarem da inventiva uma evolução, um melhoramento, uma novidade que o aperfeiçoasse, que o tornasse de novo

disputaram acalorada e patrioticamente a glória do invento. Mas o que parece certo é que foi Edison, esse yankee-simbolo, quem, de facto, no ilusionismo dos seus laboratórios, descobriu a máquina falante. Apenas duas aneddotas frisam de interesse pitoresco essa invenção. A primeira gafa de ridículo a pedanteria saloia e desconfiada dos imortais da Academia Francesa. Edison enviara um dos seus santos predilectos, creio que Francis Milton, para que pessoalmente exhibisse áquela «élite» de sábios a sua última descoberta. Reúniram-se os académicos, façanhudos e incrédulos, uns, irónicos e galhofeiros, basoflando espertezas superiores, outros. O plenipotenciário do velho Tomás, cercado pelos sábios, montou o aparelho, manobrou-o e regalou a imortal assistência com alguns cilindros (estavamos ainda no sistema dos cilindros) Cantorias, trechos de opera, fanfarras célebres, o gorgetear de sopranos famosos, todo um concerto variado e bem escolhido, saindo pelo bocal da campânula, como se na caixa rectangular se ocultasse um anão ou antes uma tribu de liliputianos artistas... Notou Francis Milton que, finda a exibição, nem por uma palavra nem por um gesto os académicos comentavam o invento de Edison. E mal visionava ele que aquêles illustres sábios, ao saírem de ali para conjurarem a critica ao fonógrafo, iam escrever textualmente a seguinte acta, existente ainda na Academia, como é natural e como é justo para vergonha de todos os sábios que fazem da sciência um dogma: «Hoje, tantos de tal, apresentou-se nesta Academia um indivíduo de nacionalidade americana e de nome Francis Milton, trapaceiro evidente que teve a pretensão de nos burlar, aproveitando as suas virtudes de ventríloquo para nos convencer de que descobrira um aparelho que reproduzia, mecânicamente, a voz humana, cantando, entoando trechos de ópera, imitando orquestras, solos, etc., aliás com inédita perfeição de ventríloquia»...



Uma «coupletista» cantando uma canção em traje de passeio...

apetecível... E assim, das cento e doze fábricas existentes em 1908, apenas uma duzia funcionava ainda em 1910. Dos milhares dos aparelhos vendidos e espalhados pelo mundo nos quinze anos de apoteótico triunfo uma triste percentagem de dois ou três por cento, fanhosa, asmática, bronquítica, teimava ainda, nalguns domingos provincianos, nas suas canções remoidas, rugidoras, roufenhas...

Repetiu-se na fonografia o mesmo que succedeu ao cinema. A França e os Estados Unidos

# NOS MISTERIOS DE UMA FABRICA DE SONS

## GRANDE REPORTAGEM EM LONDRES PELO Reporter X

ridicularizado desde 1908 ou 1910, ressurgiu, impetuamente, num alastramento, num triunfo como nunca conhecera. Fenomeno pitoresco... Divulgara-se a T. S. F. A imprensa de todo o mundo bradara, até ao clamor, a mais formidável, simultânea e universal das publicidades em redor do invento de Marconi. Houve a loucura do rádio, a furia do rádio, a obsessão do rádio... Contudo a T. S. F. estava longe de ter atingido o seu aperfeiçoamento — ou pelo menos um aperfeiçoamento ao nível da largueza da sua democratização. Deixava os espiritos agitados, nervosos, inquietos, excitando-os numa promessa que depois só satisfazia avaramente... Foi então que os industriais da fonografia vislumbaram a grande oportunidade... O gramofone moderno, aperfeiçoadissimo, alcançando por vezes uma humanidade desconcertante... E daí o seu triunfo. Podem-se contar por milhões os lares que dispunham de T. S. F.; mas muito mais numerosos são os que possuem gramofone...

Quando, após o jantar, nos refastelamos num mapple e, na modorrada digestão, deixamos, pachorrentos, que desfilem, invisíveis mas sonoros, ante o nosso sonho todos os grandes artistas, todos as grandes orquestras do mundo — não meditamos, nem ao de leve, a importância duma fábrica moderna de gramofones e de discos. Muitas vezes, pela mecânica natural a que o meu profissionalismo sujeita, ininterruptamente,



Um cantor gravando discos

o meu espírito, ceguei de curiosidade, ansioso por esmiuçar os bastidores duma dessas fábricas... Só há meses, em Londres, pude satisfazer-me... Um amigo — Jean Ciubranovitch, o montenegrino obcecado de patriotismo de que tantas vezes vos falei já — obteve-me o «abre-te Sesamo» para devassar os segredos duma das mais activas de Inglaterra — e do mundo: a «Dekka»...

Cinco shillings de «taxi», partindo de Piccadily Circus, representa uma distancia respeitável... O vastissimo e arcaico «auto», gemeo a todos os «taxis» londrinos, frenou numa dessas largas e vistosas artérias das várias Alcantaras da grande

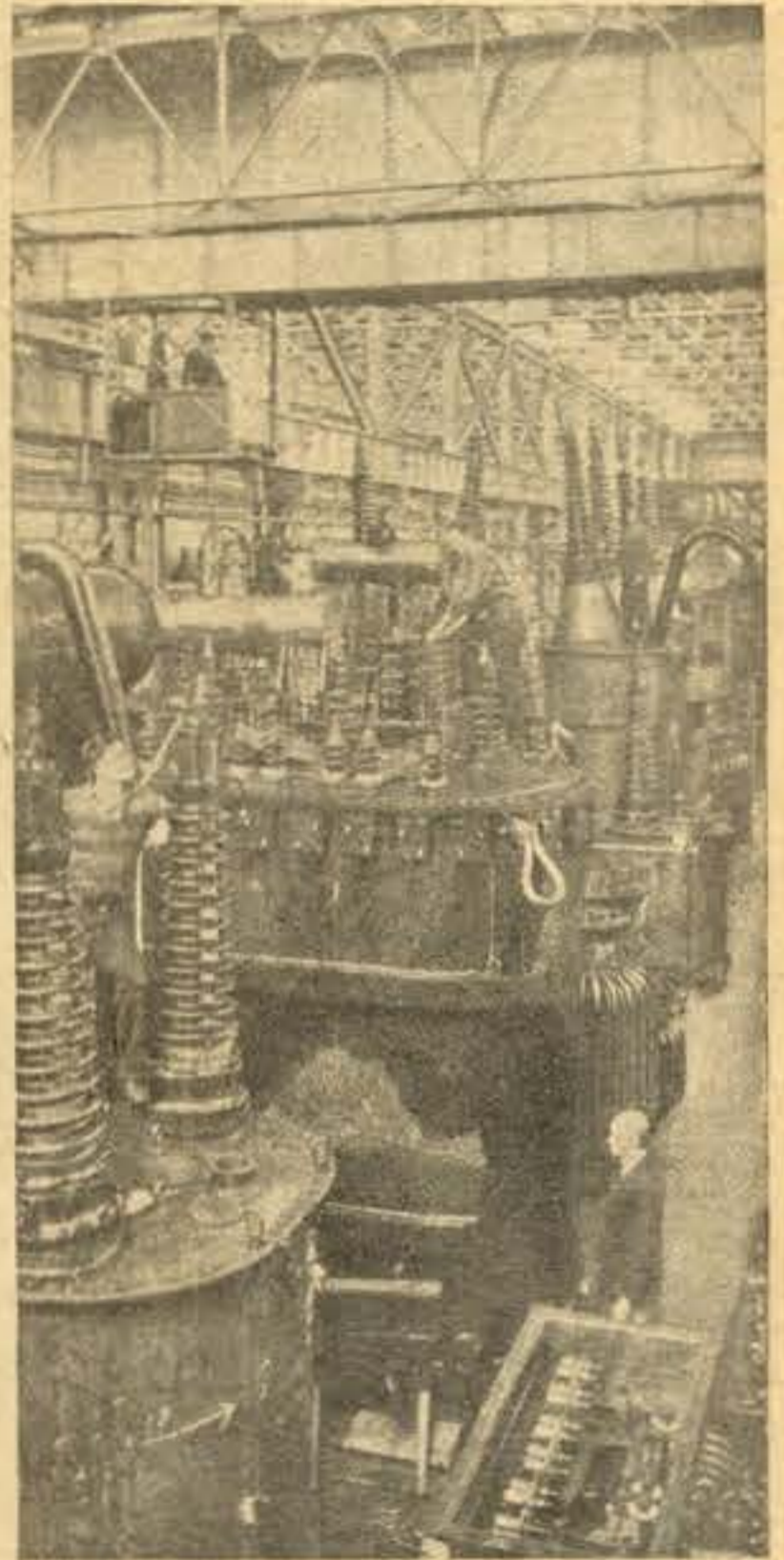
capital, encardidas e plebeias, frente a um casarão de tejo polido. Um vestibulo estreito e uma telefonista, chefe de protocolo encafada no seu cubiculo. A sua cabecita fulva, prensada pelo capacete dos auscultadores, atravessa a

abertura do guichet, relanceia a vista pela carta de introdução que eu lhe estendo; sorri-se; telefona; e mal desliga surge a meu lado, curvado em duplos salamaleques, um empregado de olhos de aro de tartaruga que me explica ser comissionado pela direcção para me ciceronar através daquêle labirinto. Um simples fechar de batentes basta para que a metamorfose, por brusca e por violenta, no contraste, me entonteça e me faça supôr não sei que ataque cerebral. Da barulheira estrepitosa no vestibulo, escancarado sobre Brixton Street, passáramos para um silencio de vácuo, um silencio tão materializado que asfixiava, como se a fantástica bomba que o tivesse sorvido nos escamoteasse também o ar. E não contive os lábios num sorriso deduzindo que naquella fábrica de música, de canto, de todos os ruídos harmónicos, mecanizados, «enlatados» a matéria prima era... o silencio.

... O corredor por onde caminhavamos recordava um disco — e nós agulhas, tantas voltas em espiral demos primeiro que descessemos aos subterrâneos. — «E' certamente o que menos lhe interessa — preveniu o meu guia. — Vamos às oficinas demasiado fabris, demasiado iguais a todas as oficinas, onde se constroem os aparelhos, onde se fundem as massas para os discos, onde...» Calou-se como um livro que suspende a prosa para dar lugar a uma página ilustrada... Fabrico... das cordas... Centenas de operários, cada um abançado frente a uma mesa, desbobinando fitilhos metálicos que eles sujeitavam a verdadeiras torturas... Outros, com lupas de relajoire e um jôgo de minúsculas e bruxuleantes labreadas, verdes, azuis, vermelhas, roxas, como um estendal de bandeirinhas que drapejassem num altar de S. Antonio lisboeta, montavam diafragmas e outras peças delicadas das máquinas falantes. Um ascensor conduz-nos não sei a que andar, trepando num zumbido de insecto. O mesmo silencio violento abaçando o rumorejar daquella árdua labuta em que mourejam, ao todo — confidencia-me o meu cicerone —, perto de cinco mil individuos de ambos os sexos. Oficina de carpintaria onde se constroem as caixas dos gramofonos liliputianos e as grafonolas gigantescas e preciosas como movéis de estilo... Laminas dinamizadas, guilhotinas vorazes retalham, sem repouso e sem ruído, as madeiras... Entra-se a seguir numa sala enorme... O ar está empapado num cheiro vivo, penetrante, a discos... E' ali que se realiza a alquimia da massa para a «conserva» dos sons, massa que golfa de enormes caldeiras, negra, rebrilhante como verniz, e que logo é prensada, recortada, achatada, como doces recém-saídos dos fornos... Passámos aos armazens de expedição Duzentas e trinta raparigas, «misses» airozas, que, ante a visita, afinam a cintura e acamam os semi-bandós loiros, num armistício de «coquetterie» a meio da sua lide esfalfante... Caixas e mais caixas... Elas guindam-se, numa agilidade de gimnastas, pelas altas escadadas corredias e voltam ajoujadas com discos que pousam sobre as mesas e logo voltam a buscar mais. — «Temos dias de expedir 30 e 40.000 discos para 30 e 40 países diferentes» — explica o gentleman dos olhos de aro de tartaruga.

Nova ascensão no elevador... O meu cicerone reservara para o final o melhor espectáculo do programa...

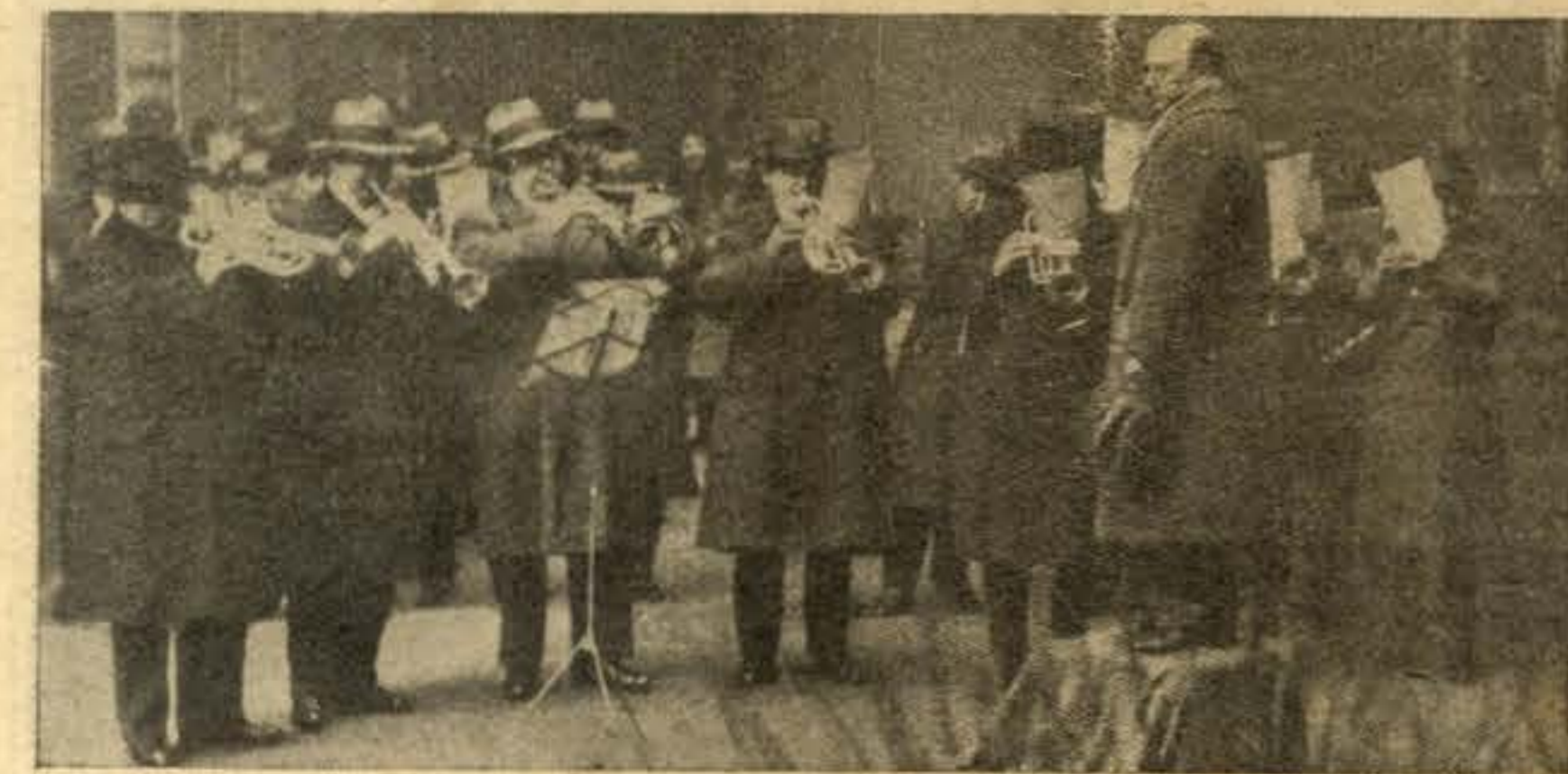
Eis-me na fábrica da música e do canto em conserva. E' aqui que, de manhã até à noite, se registam as dezenas de peças, de trechos, de discos, em suma, que depois se multiplicam e vão pelo globo, como que lançados por gigantes, numa Olimpíada de Golgothas. E' o último andar, ou antes: é sobre o telhado. Ocupa



Um aspecto da fábrica de discos

tudo" o prédio, e o prédio ocupa todo um quarteirão. Se fosse possível rectangular o Coliseu dos Recreios, teríamos uma visão das proporções do «studio» da «Dekka». As paredes são acolchoadas e as minúsculas janelas, junto ao tecto, têm duplo vidro, e vidro duma espessura de dedos. O corredor bifurca-se, ramifica-se, num labirinto. E' que o «studio» está dividido em 50 salas. Cada sala está herméticamente isolada das outras. A única porta que possuem as salas é estreita, funciona por meio de «rails» e blinda-se com três ou quatro biomboes que descem como portas onduladas, feitas duma matéria semelhante a cortice... Espalham-se por essas salas cantores, violinistas, solistas célebres, tenores de renome, sopranos de fama, cançoneiras de todos os calões, desde os que fazem rebolar de riso os folgões dos «music-hall» de Londres, desde os que possuem teatro próprio em Montmartre e que vieram expressamente de Paris, até aos que se celebrizaram nesses soturnos cantos da pampa nostálgica e do «bas-fond» de Buenos-Aires, que são os tangos, aos que, em Berlim, em Roma, em Madrid, em Varsóvia, em Viena, estão em moda graças a um «couplet» picante, a um «Charleston», a uma opereta recém-estreada de Franz Lehar, a uma zarzuela castiga ou a uma «troika» russo... Vieram de todas as capitais, de todos os continentes, contratados a preço de ouro; e durante uma, duas, três semanas, das nove da manhã até às seis da tarde, com curtos repousos, são encarcerados nessas salas e cantam, cantam, repetindo os mesmos trechos, afinando a voz às exigências do aparelho ou afinando o aparelho às exigências da voz. No centro de cada sala está a máquina registadora cercada pelos técnicos. Uma respiração mais alta, um passo mal dado sobre o fôfo tapete bastam para que o aparelho, sôfrego de sons, mesmo os mais subtis, o sorva, maculando o disco, que é logo interrompido, substituído, recommoçado... Terminando a canção, o «couplet», o dueto, o técnico abala

(Conclui na pag. 14)



Uma pequena orquestra húngara que foi a Londres gravar música popular do seu país

Um belo dia, há pouco tempo, há quatro anos se tanto, o gramofone esquecido, desprezado,



(Continuação da pag. 6)

de executantes femininos — negras, mulatas, que trajavam casaca, em *travesti* masculino... Abanquei à mesa que me ofereceram e mandei vir um licor. Depois observei melhor a assistência. Exceptuando-me e exceptuando o mocinho já retratado — só havia mulheres, mulheres de todas as idades, desde os 20 anos viçosos e delicados até aos 40 e tal anos secos, gastos, blindados, quasi repugnantes... Mas o mais pitoresco dessa assembleia é que metade dos seus componentes femininos trajava com uma masculinidade que irritava. Dir-se-ia uma carnalada... Havia *tailleurs* a que só faltavam as calças para as metamorfosear em autênticos homens — mas havia também fulanitos que, de colarinho alto, laço ou gravata, camisa de homem, monóculo, cabelos lisos, *smocking* ou *paletot*, saías a confundirem-se com calças, sapatos de salto baixo — que eram homens autênticos. Duas delas fumavam cachimbo... E ao lado dessas, outras, completamente femininas — no porte — mas fumando, falando, olhando, rindo, muito se assemelhavam áqueles. Mas o meu maior pasmo foi ao vêr entrar Madame Z. B., actriz românica, que triunfou nos palcos franceses e que Lisboa já viu representar com Benoit. Madame Z. B. vinha acompanhada pela Condessa de R. Um murmúrio de simpatia as acolheu. Toda aquela gente as conhecia, as saudou, as disputava. Acabaram por sentar-se próximo de mim, entre duas autênticas *sufragistas*, que lhes ofereceram cigarros e lhes perguntaram o que é que tomavam...

Entretanto, o azogue do *jazz-band*, matraqueando um *Charleston*, sublevoou-se ao ruído das conversas... O *ring* da dança imediatamente se coagula de pares... Apetecem-me dançar — apetite provocado pelos lindos olhos de uma *demoiselle* dos seus 22 anos que estava à minha frente, acompanhada de uma outra *sufragista* de olhos e bengalão. Dirigi-me à jovem, e o mais gentil e correctamente possível pedi-lhe para dançar... Pai do Céu! Nunca tal fizesse! A dama, fulminando-me com as faíscas que scintilavam atrás dos óculos, expulsou-me como a um assaltante: — «Com que direito o senhor, seu atrevido, vem convidar esta *demoiselle* para dançar consigo? Acha já pouco descaramento entrar aqui — pertencendo... a *esse sexo*?»

Vexado, com as faces afogueadas de vergonha, paguei a conta e fugi. E não ter apanhado com o bengalão com que aquela velha *sufragista* se armava — foi uma sorte...

«Chez Olympe» fica no alto Montmartre — no caminho para o *Sacré Coeur*. E' o contrario, exactamente o contrario de «Chez Zita» Ali só entram homens — mas homens tão pouco homens como as mulheres de «Chez Zita» são... mulheres!

Havia os fregueses e havia os empregados da casa, os que serviam à mesa e bailavam com áqueles. Os rapazes da casa estavam também em *travesti*, num carnavalismo hediondo. Trajavam *toilettes* de baile, decotadas; das orelhas pendiam brincos; os cabelos caíam até às orelhas, cortados à *garçonne*; os rostos, sem vestígio de barba, eram maquilhados — *batons* negros em redor dos olhos cujas pestanas eram frisadas e multiplicadas artificialmente; *rouge* arroxado nas faces; *rouge* vivo nos lábios; os decotes brancos de *crème*; os braços nus; os punhos fechados em multiplas pulseiras espanholas...

Pouco me demorei no «Chez Olympe»... Sentia a sede... de «Verdades Humanas» — enfiado, enojado de tantas «Mentiras»... Passei umas horas no «Troika». Nunca o espectáculo do amor sadio me pareceu tão belo, tão forte, mesmo num ambiente de orgia... Eram cinco da manhã quando saí do «Troika». Não tinha

# SANATORIO SOUSA MARTINS

NADA mais enganoso para nós, jornalistas, do que as visitas a estabelecimentos oficiais ou semi-oficiais — como asilos, escolas, hospitais ou sanatórios. Somos recebidos pelos dirigentes ou empregados superiores, com sorrisos, amabilidades, honrarias. Mostram-nos o que há de melhor, o que aparenta ordem, asseio, metodo — e occultam-nos todos os defeitos desses estabelecimentos. O melhor, o que nos poderá dar a ideia exacta da perfeição dos serviços é o que o jornalista raras vezes pode apreender durante os curtos minutos que a visita dura. Cada estabelecimento é uma espécie de máquina, cuja perfeição ou irregularidade só se podem apreciar quando a vemos em pleno funcionamento. As pequenas experiências ou demonstrações que se fazem à nossa frente, «para inglês vêr», nunca são uma garantia de bom funcionamento, embora o aparentem.



Quando há anos, de passagem pela Guarda, nos facultaram uma visita ao Sanatório Sousa Martins, viemos de lá maravilhados. Tudo nos pareceu perfeito. O asseio, a hygiene eram, na aparência, modelares; o ambiente atraía. E nós quasi sentíamos a sacrilega tentação da doença para gozar a cura naquêlê Paraíso. Tudo contribuía para que a sugestão de conforto e de carinho se impusesse ao nosso espirito, dêdes os letreiros fazendo aos enfermos as mais acertadas recomendações até à leitura do Regulamento, que preceitua logo no seu art.º 1.º: «O doente tem o dever absoluto de ser de um rigoroso asseio»...

Ora, quando nós pasmavamos de tanto cuidado ignoravamos que, no pavilhão II, por exemplo, existe apenas uma banheira para trinta e dois doentes e que só é permitido um banho por dia, o que produz esta coisa admirável de *hygiene e conforto*: cada internado só poder tomar banho de trinta e dois em trinta e dois dias!

Num papelucho, intitulado *Indicações Gerais*, destaca-se esta indicação: «Durante as horas de cura o doente deve conservar-se deitado na sua cadeira, imóvel e em silêncio. Não deve fatigar-se com leitura excessiva ou que exija muita atenção. Todas as impressões morais são prejudiciais.» Mas nós ignoravamos que era precisamente à hora do repouso que as creadas cantavam mais alto, discutiam umas com as outras, esfregavam o chão, observando desta maneira original o «máximo silêncio».

Diz o artigo 7.º das *Indicações Gerais*: «Só podem fumar os doentes a quem o médico o permite; nunca porém o poderão fazer no interior dos pavilhões ou nas galerias de cura.» O italico não é nosso. O comentário sim, êsse é nosso. Só não fumam os doentes que não querem. As prescripções do médico nada valem

sono... Vagabundeei um pouco no Montmartre. Sem saber como encontrei-me de novo frente a «Chez Olympe», que fechou às três horas. Havia ainda luz lá dentro — luz de uma só lâmpada. Cá fóra, duas raparigas bem trajadas e vistosas, tipo de *girls* do *Moulin Rouge*, esperavam alguém. Pouco depois saíam dois homens, sobraçando embulhos... Beijaram-se com impetuosidade de amantes, mas não partiram logo. Ficaram esperando fôsse o que fôsse — os quatro —, cada casal com os braços enlaçados. Um dos homens, ajudado pela companheira, abriu o embulho para depois o empacotar melhor. Espreitei... Era uma *toilette* feminina, verde berriante. Eu já a vira... Recordei melhor — observando o rosto do cavalheiro. Mas espera êle era... era um dos *papillons* que eu vira, com ademanos femininos e trajando aquêla *toilette* ver-

porque entre alguns elementos do pessoal se constituíram verdadeiras sociedades para a exploração do vício dos enfermos. No pavilhão II o ar é tão viciado que os não fumadores se vêem forçados a permanecer no *hall*, onde não existê uma cadeira, ou a encerrarem-se nos quartos.

Recomendam os médicos — e convém aqui fazer justiça aos do Sanatório, que são cuidadosos com os doentes — uma boa alimentação aos que têm a infelicidade de serem atacados pela tuberculose. A super-alimentação é geralmente aconselhada. E além da abundância a hygiene dos alimentos ingeridos.

No Sanatório Sousa Martins a observância dêste ponto deixa muito a desejar. Nem é «a boa alimentação» recomendada aos doentes, como está longe de ser uma alimentação aceitável para pessoas sadias. Já ninguém estranha alguns *accipies* que ali são servidos aos enfermos: lagartas, cabelos, percevejos, etc.

A cozinheira, fervorosa devota de Deus Bicho, nos momentos de maior exaltação *mística*, faz da cozinha um jardim zoológico. E o doente, se não estiver satisfeito com a *esmerada* cozinha, só tem um caminho a seguir: rua. As reclamações que se fazem ao gerente nunca são atendidas. A cozinheira é uma rainha absoluta da cozinha e da adegã... O enfermo vê-se obrigado a mandar fazer pratos especiais que paga por um dinheirão. Todos os extraordinários no Sanatório atingem preços exorbitantes. Uma garrafa de vinho do Porto, que na Guarda custa 17 escudos, no Sanatório atinge o preço de 35 escudos. O vinho é barato para a sr.ª Aninhas, a cozinheira...

Há doentes que se alimentam quasi exclusivamente de compotas, o que não impede que paguem a diária de 30 ou 35 escudos.

Uma dúzia de ovos custa no Sanatório 12\$00, um litro de leite 3\$20, uma garrafa de cerveja 2\$90, etc., etc.

Por aqui podem os leitores fazer uma pequena ideia da maneira como a administração do Sanatório da Guarda, que recebe um subsídio enorme do Estado, contribui para a extinção da tuberculose em Portugal. Todos os serviços prestados ao Sanatório aos doentes são pagos por quantias exorbitantes. A hospitalização dos doentes que lhes são enviados pelas Assistências Civil ou Militar não deixa de ser paga e bem paga. A exorbitância que êsses serviços custam, quer ao Estado quer às Assistências ou a simples particulares, representa um obstáculo enorme ante a boa-vontade que se verifica agora no nosso país em debelar o terrível mal.

Este negócio cruel com a doença deve acabar, estamos certos, porquanto as entidades officiais e particulares conjugarão todos os esforços para impôr a ordem num Sanatório que, se não é dos melhores que entre nós existem, se não cumpre a sua alta missão, não é porque não possua recursos, mas porque a má administração o impede.

G. R.

de, pouco antes, no «Chez Olympe»... Interrompi o meu pensamento com a chegada duma quinta personagem — um velho «chic» e panchudo. Entregou a cada um uma nota. Eles despediram-se: «*Bon soir, patrons*», e encaminharam-se para o «boulevard»... Compreendi tudo. Aquêles dois rapazes, nada efeminados, ganhavam a vida... representando o papel do que não eram.

Ah! Paris! Paris! Quantos mistérios não encerras!

Pouco dormi. Levantei-me cedo — disposto a prosseguir a minha viagem. Mal adivinhava eu que uma nova aventura me aguardava. Mas esta vai longa. Conta-la-ei na próxima carta. Amigo grato

UM LEITOR DO «REPORTER X»

# AL CAPONE

(Continuação da pag. 7)

Praça dos Restauradores, três estrangeiros. Falavam em inglês. Como a nossa mesa estivesse muito próxima da deles, algumas palavras voaram até aos nossos ouvidos. Não sabemos de inglês senão alguns vocabulários, por isso nada compreendemos da discussão acalorada dos três estrangeiros que nos pareciam ingleses ou norte-americanos.

Momentos depois um homem alto, forte, que aparentava também ser estrangeiro, entrou, circunvagando o olhar e dirigindo-se a passo largo para a mesa onde os três se encontravam. O recém-chegado curvou-se num gesto delicado, abriu e fechou num movimento rápido a aba do casaco, não sem que nós tivéssemos tempo de ver brilhar uma placa de metal amarelo, que lembrava uma medalha de ouro. Percebemos que se tratava de uma chapa de identidade usada pela polícia secreta de quasi todas as nações estrangeiras.

Sentou-se o recém-chegado e a conversa prosseguiu em voz baixa. Aquela scena intrigara-nos um pouco, picara-nos de curiosidade. Os estrangeiros pouco se demoraram no café. Saíram. Na rua esperava-os um «taxi», onde se sumiram. Instintivamente fixámos o número do carro: S. 21293.

Quasi ao fim da tarde, depois de pesquisas fatigantes, conseguimos encontrar o *taxi*. Interrogámos o *chauffeur*. Lembrava-se perfeitamente de ter conduzido os estrangeiros. Fora para os lados do Campo Grande, não se recordando do número da porta. No entanto, seria capaz de lá nos conduzir se fosse preciso. Fomos. O *taxi* subiu, rápido, a alameda, virou à direita e parou. Estávamos em frente de um «chalet» isolado. No topo da porta viam-se apenas estas iniciais J. L.

## Uma perseguição movimentada

No dia seguinte, após aturadas investigações, soubemos que os estrangeiros eram os senhores Harry Maxell, chefe da Brigada Internacional Americana, Sneed Cody, inspector da mesma Brigada, e dois detectives, que se encontravam hospedados em casa de um subdito norte-americano. Sabíamos muito... mas faltava-nos o principal: Que viriam fazer a Lisboa essas altas personagens da polícia americana?

Perpassaram pela nossa mente as últimas notícias publicadas sobre Al Capone. Uma voz secreta nos dizia que o celebre bandido de Chicago não seria estranho à presença daqueles homens em Portugal.

No dia imediato, muito cedo, já nos encontrávamos nas imediações do «chalet» do Campo Grande. Iamos dispostos a travar a grande batalha — a averiguar o que vinham fazer aqueles homens a Portugal. Quando, por volta das dez horas, principiávamos a desanimar, a porta do «chalet» abriu-se, dando passagem a Harry Maxell, Sneed Cody e um dos detectives. Tomaram um *taxi*. Imitámos-os. O nosso fotógrafo pusera a máquina a postos, pronta a disparar à primeira voz. Iniciava-se a perseguição a sério.

Nos Restauradores o *taxi* parou, saindo todos os passageiros, que se apartaram uns dos outros como se não se conhecessem. Apenas o chefe da brigada ficou parado no largo passeio, como que esperando um «electrico». Percebemos então que mais alguém, como nós, o esperava. Era um sujeito magro, de fato cinzento, encostado à parede, à sombra do toldo de uma loja de modas. O fotógrafo, disfarçadamente, impressionou uma chapa. Era o nosso primeiro triunfo. De súbito, Maxell dava um salto para um «electrico», sem que tivéssemos tempo de segui-lo. Teria ele compreendido que o perseguíamos?

Descemos em direcção ao Rossio, descoroados por nos ter escapado a presa. Mas não

podemos conter uma exclamação de alegria e surpresa. Acabávamos de avistar novamente o polícia americano, penetrando na *gare* do Rossio. Fomos em sua perseguição. Enquanto ele desaparecia no ascensor subíamos nós as escadas a quatro e quatro. Ele saiu no primeiro pavimento, dirigindo-se para a secção de informações. Aguardámos que saísse. E outra surpresa: em vez de Maxell, saíram da secção Sneed Cody e o detective que nós havíamos perdido de vista nos Restauradores. Seguimos-os. Na rua dirigiram-se para um automóvel onde já estava um passageiro. Esse homem que os esperava, verificámos-lo com espanto, era Harry Maxell, o chefe. Como teria ele alcançado o carro sem que nós o notassemos?

O resto do dia foi passado nestas corridas.

## Um suposto creado de mesa

As dez horas da noite o automóvel dos estrangeiros seguiu, perseguido pelo nosso *taxi*, Avenida acima, São Sebastião, Jardim Zoológico, Bemfica.

Parou já fóra de portas junto do restaurante



Um detective americano subindo para o «taxi» guiado pelo nosso reporter

Bacalhau, onde os quatro se sumiram. Poucos minutos depois conversávamos em particular com Carlos Lopes, velho amigo, dono do estabelecimento, que se pôs imediatamente à nossa disposição. Os nossos perseguidos estavam no gabinete n.º 6 e já tinham encomendado a ceia.

Entretanto, o nosso companheiro de trabalho interrogava o «chauffeur», confraternizando na adegas, de copo em punho, e apurava que os estrangeiros o tomaram ao seu serviço por ele saber falar francês. Naquela noite tinham-lhe ordenado que os conduzisse a um local onde pudessem estar à vontade. O *chauffeur* levava-os ali para... prolongar o serviço. O mais alto (Harry Maxell) já lhe tinha dito para o esperar no dia seguinte às duas da tarde, junto do Parque Mayer. O *chauffeur* era bom amigo do *Reporter X*. Por isso osúamos fazer-lhe uma proposta que ele aceitou: no dia seguinte substituí-lo-íamos ao volante.

E os americanos continuavam encerrados no seu gabinete. Se houvesse forma de lá entrar? Havia, como se verá. Após uma rápida aprendizagem, precedidos do creado, entrávamos disfarçados de creado de mesa, levando uma bandeja com o café.

O nosso «colega» dispunha as chavenas. E nós observávamos. Eles conversavam. Uma frase e um nome soara aos nossos ouvidos: «Al Capone». E sobre a mesa viam-se seis ou sete fotografias, em várias posições, do mesmo indivíduo. Eram do celebre bandido de Chicago. No nosso espírito arreigou-se mais a convicção

de que era Al Capone o motivo da visita da polícia americana.

Ah! mas o Destino reservava-nos mais surpresas! O Destino é amigo dos «reporters».

## Na peugada de Al Capone

As duas horas da tarde, um «taxi» aguardava junto do Parque Mayer. Ao volante estávamos nós. Perto, noutro automóvel, encontravam-se o *chauffeur* que nós substituíramos e o nosso fotógrafo.

Passavam cinco minutos das duas quando para o nosso carro se dirigiu um dos detectives, que parou, fixando o número do *taxi*. Esta-tava desconfiado. Então nós explicámos-lhe que o nosso colega tinha adoecido e nos pediu para o substituir, visto nós sabermos francês. A explicação pareceu satisfazê-lo, porque momentos depois, ao seu chamado, apareceram o inspector Sneed, o outro detective e um desconhecido de chapéu de côco e bigode mal cuidado. O desconhecido era Harry Maxell, disfarçado.

Mandaram-nos seguir para a Praça Luis de Camões. Mal desembocámos na praça, gritaram repentinamente que parasse.

— *Stop!... Stop!...*  
Obedecemos. Vimos então os nossos «clientes» saírem precipitadamente, arremessando-nos com uma nota de cinquenta escudos sem esperar pelo troco. Seguimos-os com a vista. Adoptaram o seu sistema de se separarem em direcções diferentes. Foram postar-se, cada um, aos quatro cantos da praça. Junto da estátua encontravam-se dois homens conversando, um dos quais reconhecemos imediatamente. Era o homem que espiava Harry na Praça dos Restauradores. E o outro, quem seria?

Depois de restituirmos rapidamente o *taxi* ao dono e de trocarmos o boné de pala pelo nosso chapéu, pusemo-nos em campo. Passámos disfarçadamente junto dos dois homens. O outro era o fotografado. Era Al Capone—ou o diabo por ele.

Mas não havia tempo para devaneios. Era necessário fotografar o rei dos bandidos à sua passagem por Lisboa. Mas... a ocasião escapava-se. Al Capone relanceara o olhar e, talvez suspeitando dalguma cilada, separou-se rapidamente do companheiro, encaminhando-se para o Chiado. Os polícias então fizeram outra manobra. Harry, que vinha disfarçado, aproximou-se de Al Capone, seguindo-o quasi ombro com ombro. Mais atrás vinha Sneed e, por entre a multidão, desciam os detectives. Nós, depois de seguirmos uns momentos no fim do «cortejo», tomámos a resolução de nos adiantarmos. Passámos-lhes à frente. O fotógrafo foi postar-se na varanda do Nicola, nós esperámos-lo na rua.

Não se fizeram esperar. Al Capone e Harry dobraram a esquina do Rossio quasi lado a lado. A máquina fotográfica trabalhou lá do alto, sem que eles dessem por tal. Al Capone penetrou no Nicola. Harry esperou disfarçadamente à porta. Al Capone, porém, tardava em aparecer e o chefe da Brigada, visivelmente impaciente, entrou, observando todas as mesas. Vimo-lo correr de súbito para a porta que dá para a Rua 1.ª de Dezembro—e compreendemos tudo. Os estrangeiros ignoravam que o café tinha entradas por duas ruas diferentes. Al Capone limitara-se a entrar por um lado e a sair por outro. E esta manobra tão simples despistara os polícias americanos.

Ontem, à hora da partida do «Sud», estávamos na *gare*. Al Capone e o seu companheiro embarcavam no último minuto. Alguns instantes depois da sua abalada chegaram ofegantes à estação os quatro polícias, perguntando qualquer coisa ao porteiro.

Adivinhámos a resposta do empregado.  
— O «Sud» acaba de partir—teria ele dito.  
Eis como Lisboa, a pacata Lisboa, foi teatro de manobras dos polícias mais activos e do bandido mais celebre do mundo, sem ter notado o que se passara, tão discreta e silenciosamente tudo decorrerá.

IDILIO FERREIRA

# HOMENS & FACTOS DO DIA

(Continuação da pág. 3)

envelhece, invalida-se rapidamente. Ora Silva Graça, para desenvolver ininterruptamente a grande obra que iniciara e para que ela atingisse a culminância antevista, necessitava de um exército de redactores e reporteres que entrassem para *O Século* em pleno vigor, congestionados de entusiasmo profissional, rico de valores jornalísticos, mas precisava também, ao primeiro sintoma de cansaço, de esgotamento, de *vazio*, renová-lo por outro tão fresco e bem seivado como aquêlo, ao iniciar-se *O Século*... espremia jornalistas como se fossem limões, e só os de inesgotável pujança se desenvolviam, em vez de liquefazerem-se naquêlo sistema de prensa em que o chefe suava tanto ou mais que o pessoal...

Essas exigências, que eram a inevitável crueldade do comando, provocaram um dia a Silva Graça uma situação embaraçosa. Costumava ele reinar no seu gabinete, todas as tardes, os redactores e reporteres, numa espécie de conselho. Numas dessas tardes, ao dar ordem para que *entrasse no seu gabinete o corpo redactorial*, ninguém compareceu à «deixa». Alarmado, premiu botões, berrou pelo telefone, fez sirandar os contínuos, mas ninguém, nenhum deles aparecia. Foi então que levaram, não sei como, ao seu conhecimento que o pessoal da redacção quebrara as grades que o enjaulavam, proclamando a sua independência e saindo para fundar um rival do *Século*. Isto a meio da tarde! Calcule-se que situação para Silva Graça, naquela época, em que o jornal publicava dezenas de páginas coaguladas de assuntos, produto do trabalho suado de muitas dezenas de redactores, reporteres e informadores! E nem um só para fazer *O Século* do dia seguinte! Mas Silva Graça fazia do perigo, do *difficil*, do impossível, um dínamo para acelerar a sua já prodigiosa energia. Fixou o seu pensamento num jornalista e escritor, colaborador da casa e seu dedicado amigo, cujo nome ignora. Mandou-o chamar; exigiu-lhe a maior prova da sua velha amizade. Como? Muito simples. Visitar todas as outras redacções, com o pretexto de dar um recado ou pedir qualquer favor ao chefe de cada redacção; fazer-se acompanhar por ele, Silva Graça, como que por um acaso, e deixar que ele agisse... Assim foi. Tomaram um trem e prepararam a todos os jornais de Lisboa. O amigo, depois de apresentar o Silva Graça aos presentes (Silva Graça era então uma espécie de *Buddha vivo* mas inabordable para todos os jornalistas que não tivessem conseguido entrar para *O Século*), acantava-se com o chefe da redacção, improvisando uma conversa qualquer; entretanto Silva Graça, que se afastara dêle discretamente, ia passando em revista os redactores que trabalhavam à sua volta; fixava-se naquêlo, cujos méritos ouvira já elogiar, e, abeirando-se da sua mesa começava a insinuar-se: «Você não é Fulano?» O outro afoqueava-se, orgulhoso por se ver abordado pelo Rei do jornalismo, e confirmava a pergunta: «Você tem muito talento, estou farto de o repetir lá em casa! Quanto ganha aqui? O quê? Só 30.000 réis! Parece impossível! Que miséria! Quere você entrar para *O Século*? Dou-lhe 60.000 réis porque os merece, palavra! Aceita? «O pobre escriba», num alvoroço, duvidando de tanta sorte (entrar no *Século* era a ambição máxima de todos), dizia logo que sim. Pudera! *O Século* e o dôbro do ordenado! E então Silva Graça, abemolando a voz, cochichava-lhe: «Com uma condição. E' que entre imediatamente! Ponha o chapéu, despeça-se e vá esperar-me ao *Século*!» A seguir repetia o mesmo aliciamento noutra redacção, e noutra, até percorrer todas, recrutando todo um novo corpo redactorial, composto com os melhores elementos dos outros jornais.

O seu amigo, o que o auxiliava naquela manobra, fôra nomeado, ao que me consta, chefe da redacção. E ante todos, Silva Graça discursou tecendo um longo elogio ao novo chefe, apontando-o como exemplo modelar de todas as vir-

tudes de homem e de jornalista. Mas enquanto o director falava, o seu salvador, curvado sobre a secretária, escrevia, como que indiferente a todas as lisonjas. E quando Silva Graça, ao rematar o sermão, o abraçou, dizendo: «Por isso tu podes contar comigo como eu conto contigo e pede-me o que quiseres que eu não to negarei...», o novo chefe, como única resposta, apresentou-lhe um papel. Era um vale de... cinco contos. Silva Graça não se deu por vencido. Viou-o sem pestanejar.

Disse que ignorava quem era êsse amigo. Ignoro-o de facto. Mas há quem diga que era B... de A....

## O príncipe herdeiro

Silva Graça adorava o filho — como adorava a sua obra. Afligia-o a ideia que esta se suspendesse com a sua morte ou que saísse do seu âmbito. Por isso educou o filho para êle a continuar.

Depois de alguns anos de ausencia e de repouso, Silva Graça voltou a Lisboa, a concertar *O Século*, como êle me disse. O seu primeiro gesto foi atacar a Moagem em artigos de grande panfletario; mas a Moagem, em vez de se amedrontar, mostrava-se respondona, insinuando ameaças, como quem diz que podia esmagar toda aquela campanha apedrejando os telhados de vidro de *O Século*. Silva Graça teve uma suspeita, interrogou o filho, obrigou-o a confessar-se, e foi então que escreveu o mais belo artigo da sua vida: «Quando a Moagem dizia que eu tinha telhados de vidro, falava verdade! Meu filho, a quem eu confiara a direcção da minha obra, por fraqueza, por maus conselhos, fôsse porque fôsse, traíu-a, cedendo, deixando-se subornar, recebendo uma mensalidade de 40 contos da Moagem. Acabo de expulsar o meu filho de *O Século*. Um chefe como êle é indigno do velho e honrado pessoal que traba-

lha comigo há 40 anos. Mas nem eu nem o *Século* somos culpados. Se eles atacam o meu filho — é porque não nos podem atacar a nós: ao *Século* e a mim!»

## Como conheci Silva Graça

Silva Graça era para mim — e para muitos — uma figura lendária. Quando, em 1918, empreendi a aventura de partir para Paris, para conquistar Paris, abandonando *O Século* e todos os jornais onde trabalhava, José Graça filho pediu-me para ser portador de uma encomenda para o pai. Assustei-me só com a ideia de me defrontar com aquêlo homem... Vivía então num dos mais belos, silenciosos e elegantes bairros de Paris — o da *Ecole Militaire*. Subi pelas escadas de serviço e, deixando a encomenda à creada, acompanhada dum bilhete de visita, desalvorci, correndo. No dia seguinte recebi um postal de Silva Graça, lamentando não me ter visto e convidando-me para almoçar. Foi então que o conheci. Não posso recordá-lo sem me comover, tão grato estou aos seus conselhos de energia, que me animaram, que me impediram de desertar dos meus sonhos — e aos quais devo, em grande parte, a minha pequena vitória de Paris.

— Deixe-me olhar bem para si, vê-lo bem, observá-lo bem... — disse-me êle, na primeira visita. — Venha para a luz! Mas é um fedelho ainda! E ainda bem! Tem olhos azuis — bom sintoma! Gosto de si. Olhe... Quando apareceram as suas reportagens em *A Manhã* e na *Capital* escrevi ao meu filho ordeando que o trouxesse para *O Século*. Depois, quando começou a trabalhar no *Século*, tornei a escrever-lhe, a pedir informações a seu respeito e a aconselhá-lo a não o deixar fugir...

Quando, após um mês de lutas vãs, eu, esfalado, acovardado, desorientado, lhe confessei o meu desanimo, quasi o meu arrependimento, a nostalgia do sossego e da paz que gozava em Lisboa, junto aos meus e com o pão garantido — êle increpou-me: «Seu covarde! Então porque sofre um pouco, já quere fugir, desertar! Querem vêr que me enganei a seu respeito? Lute! Só lutando e sofrendo se consegue realizar a nossa vontade! Arde-lhe? O que arde cura!»

Senti-me envergonhado — e lutei. E venci. Cuidava do seu fisico, da sua saúde, como de um segundo *Século*. Estudava medicina, estava em dia com as descobertas mais avançadas. A água que bebia vinha de uma fonte, a 50 quilómetros de Paris — porque só essa água continha os valores que o seu organismo necessitava.

E com quasi 70 anos era forte, energico, como um rapaz. E exibia, orgulhoso, um garoto de meses, que era já um esboço de si próprio. E depois desse pimpollo outros nasceram, como atestados da sua mocidade eterna...

Entretinha-se, naquêlo exilio, a compor uma obra scientifico-literária: o estudo psicologico e médico de todas as grandes figuras portuguesas e mundiais. Tinha várias secretárias. Redigia êsse trabalho directamente em francês e revelava uma erudição que pasmou sobretudo no campo médico.

— E' todo o meu sonho actual — confessava-me êle! — Dedico-lhe os últimos anos da minha vida. Você, que é novo, há-de assistir ainda aos efeitos dessa obra. Que escândalo quando fôr publicad! E' que eu provo que muitos dos *grands seigneurs* da nossa terra são uns imbecis, uns loucos, uns paranoicos, uns idiotas — mas provo-o scientificamente, irresponsavelmente. Hei-de esmagar essa canalha...

Até à última — foi o grande lutador. Grandes, enormes, eram as suas obras. Mas a maior de todas — repito — era êle próprio.



— Por Deus lhe peço que não lhe fale em vinho.  
— E porquê?  
— Porque se lhe faz a boca em agua...

## À BEIRA-RIO OS INDESEJÁVEIS DO PORTO E OS PÁRIAS DAS DOCAS

*Na «Adega das quatro portas» — O comunista italiano e o espanhol de prosápias e basófias — A madrugada no labirinto das docas — «Hotel Pinho» — A vestal do Pinho — Quem vai ao mercado — Cara ou corã? — O banquete dos párias — Uma cozinha ambulante — Os estafetas da miséria que não voltam mais*

**A**LCANTARA e Rua Vinte e Quatro de Julho. Do número não tomei nota. Sei porém que é uma taberna grande, ampla e arejada. Creio que é conhecida por «Adega das 4 portas». O seu aspecto não tem nada de miserável: três linhas de mesas de madeira, compridas e comuns, a todo o comprimento da casa, correndo ao fundo um balcão de pedra. Por detrás deste há toneis enormes, ventruados, e prateleiras atravancadas de objectos e de garrafas.

Entro e abanco. E' já noitinha. A assistencia é variada e suspeita. A um dos cantos uma meretriz de chale e lenço caído para a nuca, patenteando nas pernas nuas cicatrizes de chagas enormes e recentes, devora uma refeição ligeira. A seu lado, sentado, vê-se um tipo duro de marítimo sem trabalho, que a observa de soslaio. Encontro ciúme e ódio naqueles olhares de agressão.

Sento-me junto dum grupo de cinco indivíduos que bebericam e conversam. E enquanto bebo, vou apreendendo vagos detalhes da palestra, farrapos de frases que me chegam, soltas, aos ouvidos. Fico sabendo que dois deles são estrangeiros e comunistas. Os restantes são portugueses e desgraçados... Daf por um pedaço, o oferecimento dum cigarro fornece-me o pretexto para me infiltrar na conversação. Aqui sou forçado a variar de motivo justificativo da minha presença. Declaro-me perseguido da policia por questões sociais... Graças a esse ardil, consigo dentro em breve saber-lhes das histórias movimentadas—depois de também lhes ter impingido um conto qualquer, tenebroso, do qual me acuso principal personagem.

Dos três portugueses nada me interessou saber... São mais infelizes do que malandros! Mas dos estrangeiros radiografei-lhes a alma, auscultando-lhes segredos íntimos.



Alguns hóspedes do célebre «Hotel do Pinho». Entre eles vê-se Américo Faria

# Entre os rufiães de Lisboa

Um deles, o mais alto, é italiano e diz-se fogueiro de bordo... Deixa que o tratem por Giovanni. Examino-o devagar. Tem feições fezas e pele de asperezidades, curtida pelos temporais. Do olhar sombrio e profundo entorna rancores e ódio. Fala uma promiscuidade de várias línguas, fazendo no entanto entender-se. A sua vida é uma completa odisseia.

Segundo parece, a sua anterior profissão era a de sargento da marinha de guerra italiana, percorrendo, nessa qualidade e dos vinte e tal aos trinta e cinco, os cinco continentes, vezes sem conta. Há cerca de quatro anos tomou parte, em Roma, num atentado à bomba contra duas altíssimas individualidades do seu país—que saíram ilesas. Foi condenado à pena máxima... Entretanto, alguns exaltados correligionários souberam preparar-lhe misteriosa fuga, obtendo-lhe, sob um nome suposto, o lugar de fogueiro a bordo de qualquer transatlântico que fazia carreiras para a America do Norte. E por toda a parte éle continuava a fazer propaganda das ideias avançadas, pelo que diversos governos burgueses o consideram indesejável. Ultimamente trabalhava a bordo dum desses gigantescos e babilónicos «Cap» alemães... Está desembarcado no nosso porto há aproximadamente quinze dias. Arrasta uma vida de fome e de desgraça, e como não pode apresentar-se no consulado do seu país, dorme em qualquer recanto das docas, recordando, quando a nostalgia lhe canhoneia o cérebro, a figura querida de sua mãe—uma doce velhinha, que, lá longe, numa aldeia perdida de Italia, aguarda ansiosa notícias deste filho infeliz que ela, coitada, não sabe onde pára... Ao falar dela o olhar amacia-se-lhe, entoldando-se de lágrimas... E o lado fraco do seu coração feroz. Hoje realia pequenos roubos, pilhando o que de valor encontra à mão, não desdenhando, também, fazer o contrabando dos mais diversos artigos dos paquetes para terra—quando a ocasião se apresenta oportuna...

O outro, seu companheiro de desventura e quasi gêmeo na semelhança da história, chama-se Pepe e é espanhol. A avaliar pelas suas prosápias e basófias, a que tenta imprimir um certo cunho de sinceridade, suponho-o catalão. E' mais novo, mais baixo e fisicamente mais fraco do que o italiano. No caracter também diferem. Ao passo que aquêle é concentrado, reservando para si só aquilo que não quer contar, este é garrula e jovial, falando das suas aventuras com um ar estouvado, de picardia, um geito muito espanhol. Confidencia-me que está nas mesmas condições do companheiro, não podendo entrar na sua pátria... por causa «de la guardia civil...». E pisca-me o olho, significativamente, sorrindo com orgulho. Pepe, contudo, é mais feliz do que o camarada—porque tem certas noites em que dorme em confortável leito, todo entregue às carícias desinteressadas duma famosa compatriota que há tempos veio para Lisboa como artista de variedades, e aqui ficou feita «senhora» protegida por um alentejano rico... Quando isso sucede, é certo, no dia seguinte traz no bolso uns razoáveis escudos, os quais, como bom comunista, reparte com o amigo. E então é vê-los juntos, esquecendo pezares, calculriando os bairros excentricos em busca de aventuras amorosas—e atagando maguas em numerosos copos de vinho...

### Os hóspedes do «Hotel Pinho»

Como uma sombra errante palmilho agora todo o interminável espaço que vai de Santos a Alcantara, pela beira-rio. São duas horas duma noite cogitativa, nostálgica. Venta e chovisca. Para lá da via ferrea vislumbram-se duas imensas filas paralelas de lampadas de ilumi-

nação pública. E' a Rua 24 de Julho. Mais além, há desenhos de sombras no casario que parece dormir. Lá longe ouvem-se ruidos estranhos da cidade que arfa. No infinito algodão-se intenso frio a flutuar no espaço, a enregelar-nos os membros. Em volta, o acarvoamento da noite sugere histórias tenebrosas—e de momento a momento os círculos sangrentos de lampeões eléctricos rasgam as trevas soberanamente trágicas, farolizando sitios êrmos e soturnos. Ao lado, o rio chocalha inquietantes canções. Para cá prolongam-se abaracamentos infundáveis. De quando em vez oiço o taconear de passos, que vai esmaecer-se lá distante.

Em frente às instações duma refinaria de açúcar, já em Alcantara, junto da Rua de Cascais, distingo um vulto, rondando hesitante um



O nosso camarada, de parceria com alguns marítimos suspeitos numa tasca miserável de Alcântara-Mar

muro que resguarda um rectângulo de terreno. E supondo decerto que ninguém o observa, escala com agilidade a baixa parede e dum salto desaparece do outro lado. Aventuro-me a saltar também. Da parte de dentro vejo sómente enormes medidas de pinho. Mais além uns barracões de madeira. Sentado, enterrado na rama de pinheiro, resolvo-me a esperar ali o aparecimento da luz do dia—que já vem perto. Atemorizado talvez, perscruto as trevas, escuto ruidos. Nada. O frio corta. Uma torre próximo badala horas. Muito distante, ouve-se a «sirene» dum barco. Novos vultos chegam—segundo sempre o mesmo processo. Notó-os cautelosos, tiritantes, abafando os passos, para desaparecerem, depois, por entre a ramagem dos troncos de pinho. Oh! aquela cama dos párias deve ser incomoda e contundente... Reçordo a fofidão do meu leito. E, sem querer, por uma lógica sucessão de ideias, scismo em elegantes palácios, nas joias que guarnecem inutilmente alvos colos de mulheres chics e que valem fortunas, nos Rolls-Roice dos milionários que rodam por essa Lisboa... Entretanto, aqui, neste acolhedor «Hotel do Pinho», morre-se enregelado...

De manhãzinha, mal o dia, ainda embaciado, começa a aparecer no horizonte, ei-los que acordam, mal dispostos. Conto-os. São seis. Vai também uma rapariguita canalha, de catorze ou quinze anos. Analiso-a. Nos olhos residem-lhe perversidades precoces. Contam-me que

(Conclui na pag. 15)

# Mistérios de uma fábrica de sons

(Continuação da pag. 9)

com o disco, fecha-se no seu gabinete, experimenta-o, escuta-o, ou melhor, ausculta-o como um médico escrupuloso de ouvido colado ao peito dum doente querido... A menor imperfeição renova-se o registo... Mas se abundam os solistas célebres, os duetistas famosos, noutras salas, nas mais vastas, agrupam-se orquestras inteiras com dezenas de executantes, jazz-bands em voga, corpos corais completos...

Deixam-me assistir a algumas dessas sessões, aproveitando os rápidos armistícios em que as portas se abrem e fecham com tal velocidade como se fôsem movidas por molas ou como se fôsem armadilhas, ratoeiras humanas... Observo o rosto dos artistas, examino os seus gestos, os seus olhares; radiografo os seus pensamentos... Acostumados às plateias coaguladas, ao estrear dos aplausos, ao ambiente excitante dos palcos, à orgia luminosa das ribaltas, a solidão e a estreiteza daquelas salas devem, forçosamente, influir na sua alma e nos seus nervos. E contudo que esforço, que ânsia de perfeição se adivinha no seu trabalho... E' que eles, os artistas, embora tenham como quasi único espectador uma máquina inconsciente e insensível, visionam que estão trabalhando para a mais vasta das plateias, para uma plateia que tem as mesmas dimensões do globo terrestre; para um público que é a Humanidade, não só a Humanidade de hoje mas a que se fôr formando, pelos séculos fôra, de geração em geração. Eles pressentem que estão moldando, esculpindo com a sua voz, com a sua arte, com a sua alma, uma obra destinada à Eternidade, e por isso sentem-se pequenos ante essa multidão enorme e afincam-se para que fique registado mais do que uma canção: o seu espirito na apoteose máxima da beleza... E' como se nos dissessem: prepara-te, sintetiza-te, procura exteriorizar todo o teu ser íntimo porque vai brilhar um clarão de magnésia e nesse instante ficarás registado para exibição das multidões universais e eternas! Que o leitor fixe esta hipótese e que visionem que esforço, que angústia, que emoção não seria a sua para que ficasse

certo, exacto, o melhor possível à contemplação de todas as gerações...

\*\*\*

Sempre que em cada sala se inicia uma sessão ensanguenta-se uma lampada vermelha que encima a porta de entrada, e no quadro afixado na rotunda do «studio», outra lampada, minia-



Um actor recitando uma scena do «Hamlet»... em traje de passelo

tural, se ilumina também, sobre o número correspondente à sala onde se está trabalhando. E' um aviso para que ninguém interrompa, comendo a imprudência de entrar... Quando eu, com enxames de insectos a zumbirem nos ouvidos e expressos ruídos entrechocando-se no cérebro, após não sei quantos concertos escutados, estaquei ao lado do meu cicerone nessa

rotunda, constatei que, naquêlê preciso momento, nas cinqüenta salas, se trabalhava simultaneamente. Significava essa simultaneidade que naquêlê instante centenas de cantores líricos ou populares, duetistas, cançonetistas, solistas do violino, do violoncelo, do harmonium ou do saxofone, «jazz-bandistas», coristas, executantes de orquestras, divididos, agrupados, separados produziam cinqüenta trechos de música e de canto diferentes!!! Que enormidade de ruído desarmonioso, entre-chocante, não se alcançaria se todos aqueles artistas se amassassem no mesmo recinto!!! E contudo, pelos corredores labirintiscos do «studio», o silêncio, um silêncio de vacuo, pesado, aflitivo, como se tivessem arrancado ao ar todo o oxigénio, o silêncio, que era a côr, o estilo, o ex-libris daquela casa, isolavamos, blindavamos, não deixava filtrar-se até nós uma só nota, um só rumor dos Niagaras de sons que catadupavam à nossa volta, para além daquelas cinqüenta portas fechadas...

\*\*\*

Seis horas... As cinqüenta portas abriram-se... O silêncio, como uma muralha dinamitada, descastelara-se e de todas as salas saíam, aos grupos, os «operários do som», parisienses e bonecas dos teatros frívolos de Londres, espanholas e italianas, alemães e russos, loiras, morenas, pupilas de todas as côres, maquilhagens de todas as excentricidades, falando numa algaraviada babélica... Registraram-se centenas de discos, «conservas» de música, de canções, de harmonias, que se multiplicarão, que se espalharão pelo mundo, que durarão pelos séculos fôra... Que cedo nascemos nós, ou que tarde a Sciência conquistou as suas grandes descobertas! Com que emoção não escutaríamos hoje, graças ao gramofone, a voz de Napoleão e de Talma, de Luís XVII e de Molière, de Shakespeare e de Zamparini... E como a fantasia, quando toma o freio nos dentes, não pára, porque não recuar o nosso sonho para além da nossa era, visionando o fonógrafo como um invento A. C. trazendo-nos até hoje a voz suave e doce de Jesus, ensinando-nos o bem e o caminho do céu, directamente, o que seria, pela certa, duma eloquência e duma sugestão bem superiores à da leitura dos Evangelhos...

## A ÚLTIMA MODA



— Sim, Chico, a «última» é uma camisa de seda crúa e cosida à mão.  
— Em que ficamos? É «cosida» ou crúa?

Londres, Dezembro, 1930

REPORTER X

**QUEREIS DINHEIRO ?**

Jogai no

*Gama*

Rua do Amparo, 51—LISBOA

**PREÇOS CORRENTES**

Pelo correio mais \$80 para registo

**SEMPRE SORTES GRANDES!!!**

ESTE NUMERO FOI VISADO  
PELA COMISSÃO DE CENSURA

## HOMENS ARTIFICIAIS

(Continuação da pag. 4)

ficiais»—para a criação de «homens artificiais». O resto é tempo, mais ou menos longo, estudo, experiências, detalhes. A vida, elementos vivos que podem formar um corpo vivo, já o dr. Crile obteve.

Dentro de alguns anos começarão os americanos a explorar industrialmente a descoberta do dr. Crile—e a fabricar homens em série, como já fabricam automóveis, discos de gramofone e canetas de tinta permanente...

### A ressurreição dos mortos

Mas enquanto o inverosímil fabrico de pessoas artificiais se encontra na fase das experiências prometedoras—a ressurreição dos mortos, que foi exclusivo sagrado de Jesus Cristo, logra ser uma flagrante realidade.

A Morte—leitores amigos—deixou de ser um incidente irremediável. Já não se poderá dizer, referindo-se ao Além: «a região de onde nunca mais se volta.» Já se ressuscita gente por processos científicos.

O processo Voronoff, o regresso à mocidade, tão combatido pelo clericalismo do mundo inteiro—êsse clericalismo que é sempre o último a aceitar o avanço da Ciência—, não passa de uma tentativa débil em face dos êxitos alcançados pelo biologista russo Feodor Andreieff.

Há vinte e dois anos que êste notabilíssimo homem de ciência, com a colaboração de alguns seus colegas, vem procedendo a experiências sobre o organismo animal. Partindo do princípio, absolutamente lógico e aceitável, de que não há morte natural senão a causada pela senilidade, Andreieff chega à conclusão de que se pode dar vida orgânica aos cadáveres. Esta é a arrojadíssima teoria.

As primeiras experiências dêste homem extraordinário—que ficará com o seu nome bemérito gravado a ouro na História da Humanidade—fôram feitas em animais: cães, gatos, coelhos. Mais tarde, com mais segurança, fez as mesmas experiências em corpos humanos.

— Pode dizer-se definitivamente—afirmou Andreieff numa conferência realizada em Moscou, em 1925—que quando não houver alterações fundamentais causadas nos órgãos por uma moléstia, os cadáveres poderão reviver.

Que satisfação enorme deveria ter sentido êste homem em poder proferir estas palavras! Pela primeira vez a Humanidade escutou da boca de um homem que a morte não era um mal irremediável.

—Fôram feitas experiências—proseguiu Andreieff nessa conferência memorável—para fazer voltar à vida crianças nati-mortas, por meio de injeções de adrenalina directas no coração. A ciência também conhece casos em que pacientes, mortos nas mesas das operações, fôram reanimados imediatamente. As minhas experiências, porém, fôram mais longe.

Relatou então que reanimara animais mortos, alguns conservando depois a vida por muitos anos. Um dêles, tendo morrido e ressuscitado duas vezes, atingiu na última ressurreição uma longevidade verdadeiramente extraordinária.

Agora uma afirmação arrojadíssima de Andreieff:

— Não há morte absoluta. Podem o coração e o aparelho respiratório deixar de funcionar, mas o resto do corpo mantém-se vivo, algumas vezes durante semanas. Órgãos separados do corpo mantêm-se vivos por algum tempo.

E refere que conservou animados de vida, mercê da aplicação de reagentes químicos, um dedo e a cabeça de um cão separada do corpo que movia os olhos para um ou outro lado conforme o seu nome era proferido da direita ou da esquerda.

Mas a grande «magia científica» de Andreieff foi a de fazer reviver um homem morto. Levou o ressuscitado à presença de alguns sábios. Ditou-lhe problemas de matemática em que era formado e o ressurgido, ante o pasmo de todos,

## MEMÓRIAS DE UM «GROOM»

(Continuação da pag. 5)

«Há coisa de um ano entrei aí numa paródia das mais catitas da minha vida. Foi com a B... e com o rapaz, o estudante que já é doutor. B... tinha um velho palerma, que lhe dava bem boa maquia mas que era ciumento e que lhe batia. A B... aturava-o... por causa do bago. De quem ela gostava era do estudante, que naquele tempo ainda não ganhava o suficiente para a manter. A's vezes pulava-lhe a ela o pé para vir ter com o rapaz ao «club». Mas o velho não queria, fazia banzé. Era preciso inventar histórias... Naquela noite a B... vigarizou o velho dizendo-lhe que uma amiga, papillon de cá, lhe escrevera por causa duma herança, mas para lhe falar era preciso vir ao «club». O ginja, como se tratava de dinheiro, lá consentiu, mas como não podia, por causa das toleimas, entrar aqui (não queria que o vissem, Credo!), impôs uma condição: que ela não saísse da vizinhança de certa janela, que ali falasse com a tal amiga—porque êle, da rua, estaria toda a noite a vigiá-la.

«Assim foi... Mas como o que a B... e o rapaz queriam era bailar e beber Champagne, contrataram-me. Eu vestia o casaco dela, punha na cabeça o chapéu dela, fechava-me na saleta que tinha a tal janela, e, sentado de costas para a rua, seria comido pela autêntica B... tanto mais que o gajo tinha pouca vista... Bom... Os dois fôram para o cabarel divertir-se, e eu fiquei a ganhar os cem paus prometidos, a servir de manipanso na tal saleta. Por fim deu-me o sono e adormeci. Calcule o senhor a minha aflição quando acordei e me senti abraçado e beijado! E calcule também a aflição do velho quando, depois de me beijar e de me abraçar..., viu que a B... era... eu... todo pretinho da costa! O gajo, farto de estar à espera, pensara em fazer uma surpresa à B... e subira até à saleta! Que fita! Que escândalo!

«Como? O que é que eu estou a meter no nariz? E'... é... (um segredo). Ah! Desculpe-me... A Zizi está já furiosa... Quem é a Zizi?... Ora... Quem há-de ser O rapaz, lá por ser enfarruscado, também sabe agradecer... Adeus »

Senhores... Com 13 anos! E outros—bêbês ainda! Que vandalismo!

X.

## COISAS QUE TODOS DEVEM SABER:

A CASA QUINTÃO vende os afamados Tapetes de Beiriz, faianças artísticas e mobiliário género antigo

RUA IVENS, 30 A 34  
TELEFONE 2 6064

chegou a conclusões certas; executou movimentos e depois, sentado num «mapple», conver- sou sobre Arte, Filosofia e Ciência. Não conseguiu Andreieff prolongar por mais de duas horas a vida artificial nêste homem. Mas noutros ressurgidos teve melhor êxito, conservando-os artificialmente vivos durante dias e passeando com êles pelas ruas de Moscou.

Andreieff continua estudando êste gigantesco problema no seu laboratório de Moscou. Até que ponto chegarão as suas arrojadas descobertas?

Pode-se dizer já que a ressurreição não é um milagre. E' um incidente vulgar que a obturação de um dente ou uma lavagem ao estomago,

## ENTRE OS RUFIAS DE LISBOA

(Continuação da pag. 13)

anda a ciganar luxúrias por aqueles sítios escuros, cumprindo negra sina de cruel destino... Afastá-se embocada em estafado chale, de pernas ao léu, sarcoteando os quadris num feito instintivo... Um vadiola qualquer sorri-lhe e olha-a com indefinível expressão—talvez de saúde, talvez de reconhecimento...

Fortes motivos Zola teria aqui para um formidável livro...

### Jogando a «pedida»... para comer

A tirania da falta de espaço no Reporter X obriga-me a sintetizar, a desprezar pormenores, a descrever o que vi em pincladas largas e rápidas. Assim, passo em claro a maneira devida original e curiosa como o fotógrafo conseguiu tirar as presentes fotografias, e os pretextos que sucessivamente fui inventando para me imiscuir, para me integrar bem no ambiente...

Junto-me a uma pequena tertúlia que joga a «pedida». No entanto ia apostar que nos bolsos dos jogadores, se fôsem revistados, só se encontraria... cotão. A explicação, porém, vem breve. Trata-se do almoço para todos. Os que



Americo Faria empenhado numa partida de «pedida», tendo por parceiros alguns hóspedes do «Hotel do Pinho»

perdem são os encarregados de escamotearem o que puderem nos mercados de peixe e legumes. Os que ganham ficam esperando. Passa-se uma hora, mais tempo, até que, por último, regressam os delegados, sobraçando as «encomendas»... Um peixe grôso—roubado ou dado—não importa—, batatas e pão. Uma lata velha serve de panela. Há um dêles que se encarrega do cozinhado. E para que nada falte, dou-lhes algumas moedas para o vinho. Ficam-me agradecidos e convidam-me para o «banquete»... Calculo com que devorador apetite aquela malta miserável e amaldiçoada como a raça dos judeus, igual à dos ciganos, não se atirárá ao singelo manjar... E esta scena repete-se todos os dias, umas duas vezes... A's vezes sucede os delegados não tornarem a aparecer—apanhados em flagrante e «engavetados» para a esquadra mais próxima...

Mas, o estômago tem exigências!...

AMERICCO FARIA

Este número foi visado pela Comissão de Censura

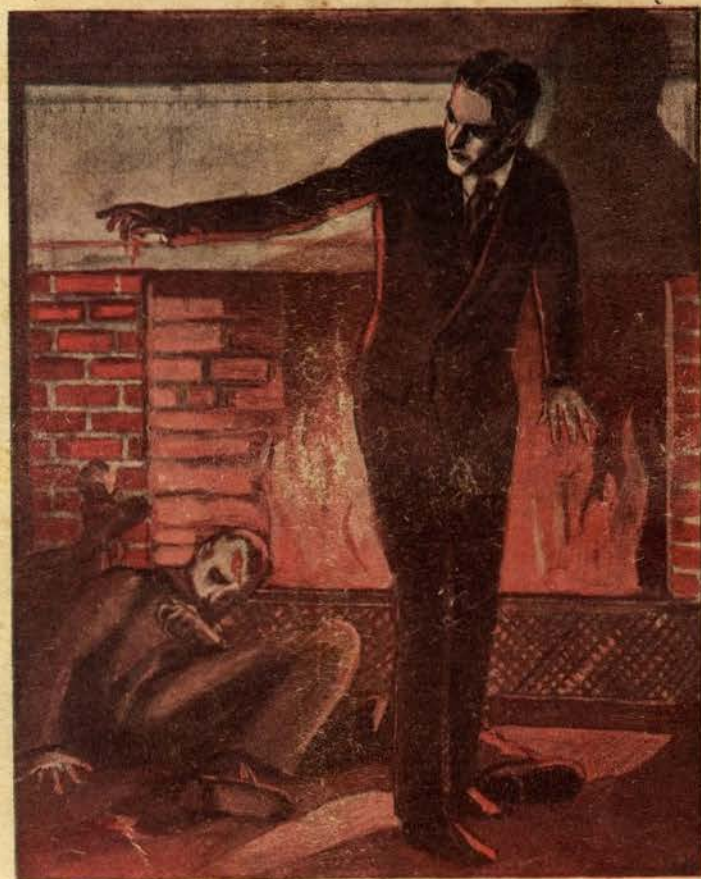
JOÃO BRAVO

---

---

# Novela Policial

*Director: Reporter X*



QUINTA-FEIRA, 21 DE MAIO

O homem que perdeu o cérebro

Por REPORTER X

---

---